



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TRAÇADOS DE UMA PESQUISA A/R/TOGRÁFICA ENTRE DESENHO, ENSINO DE  
ARTES VISUAIS E SERES MAIS-QUE-HUMANOS NA CONSTRUÇÃO DE UM  
PENSAMENTO PEDAGÓGICO ÉTICO-AMOROSO

ANA CLARA LOSADA MENEZES DE PINHEIRO

GOIÂNIA, 2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Ana Clara Losada Menezes de Pinheiro

Título do trabalho: Traçados de uma pesquisa a/r/tográfica entre desenho, ensino de artes visuais e seres mais-que-humanos na construção de um pensamento pedagógico ético-amoroso

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 03/12/2025, às 19:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Clara Losada Menezes De Pinheiro, Discente**, em 04/12/2025, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5775780** e o código CRC **76677E26**.

---

Referência: Processo nº 23070.058298/2025-85

SEI nº 5775780

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TRAÇADOS DE UMA PESQUISA A/R/TOGRÁFICA ENTRE DESENHO, ENSINO DE  
ARTES VISUAIS E SERES MAIS-QUE-HUMANOS NA CONSTRUÇÃO DE UM  
PENSAMENTO PEDAGÓGICO ÉTICO-AMOROSO

ANA CLARA LOSADA MENEZES DE PINHEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal  
de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do  
título de licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.

GOIÂNIA, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pinheiro, Ana Clara Losada Menezes de  
Traçados de uma pesquisa a/r/tográfica entre desenho, ensino de artes visuais e seres mais-que-humanos na construção de um pensamento pedagógico ético-amoroso [manuscrito] / Ana Clara Losada Menezes de Pinheiro. - 2025.  
LXIV, 64 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Noeli Batista dos Santos.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Ensino de Artes Visuais. 2. Pensamento pedagógico ético amoroso. 3. A/r/tografia. 4. Desenho. 5. Seres Mais-que-humanos. I. Santos, Noeli Batista dos, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Traçados de uma pesquisa a/r/tográfica entre desenho, ensino de artes visuais e seres mais-que-humanos na construção de um pensamento pedagógico ético-amoroso”, de autoria de Ana Clara Losada Menezes de Pinheiro, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Noeli Batista dos Santos - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG) e prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de (10,0) , tendo sido o TCC considerado (aprovado).

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 01/12/2025, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).




Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 01/12/2025, às 22:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 03/12/2025, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5775800** e o código CRC **8D0EFAF5**.

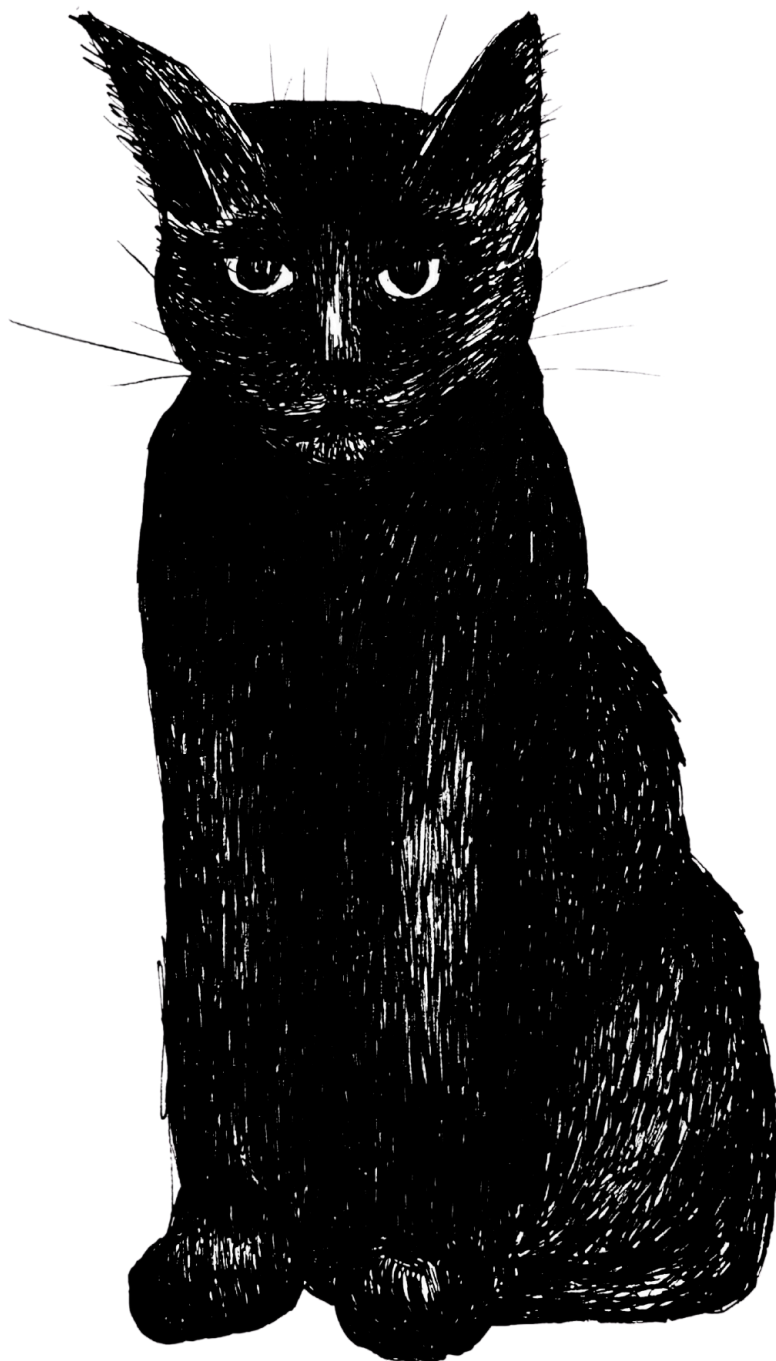


*Às crianças que fazem parte da minha vida, me conectam com todas as minhas versões e que me impulsionam a defender e sonhar com um ensino amoroso, acolhedor e possível para todos, Leonardo, Martin, Gael, Liz, Aruak, Julia, Lucia, Manuela, André e Liam..*

*À Yolanda, Sury, Gregório e Josephina, pequenos guardiões que cuidam do meu respiro e me revelam, a cada dia, a beleza das diferenças e o valor de acolher outras formas de existência*

*À memória de Pulguinha, Dylan, Gui, Rony, Mingau, Lobinho, Valentina, Valentim, Andrea, Alice, Gatão, Tapioca, Petisco, Edgar, Horácio, Brigitte, Pedrita, Príncipe, Meggie e Florzinha, seres mais-que-humanos que tiveram seus destinos reescritos quando cruzaram seus caminhos com minha família, e que escreveram em mim o sentido do cuidado e do amor, seguindo vivos nas lições silenciosas que me guiam no modo como vejo o mundo.*

*Char atento.*



## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Regina Célia, por ter me ensinado a me sentir parte do mundo mais-que-humano, sendo exemplo todos os dias sobre cuidado, ação e amor; me incentivando, acreditando, criando e se transformando junto comigo, construindo sonhos e histórias. À minha avó, Hilda Losada, ao meu pai, Antenor Pinheiro, e ao meu avô João Gomes, por todo amor, apoio, cuidado e confiança, que me ajudaram a chegar até aqui, até esse momento. Às mulheres artistas da minha família, que vieram antes de mim, vovó Cici Pinheiro, Mimi Pinheiro, vovó Julieta Pinheiro, que, mesmo atravessadas por violências e obstáculos, criaram frestas de possibilidade pelas quais eu caminho hoje para poder ser, escolher, criar e pesquisar o amor. Aos seres mais-que-humanos que habitam comigo e em mim, meus bichos, presentes em cada amanhecer e em cada retorno, por cuidarem e ensinarem, à sua maneira, o valor da vida e do amor. À minha querida orientadora, Noeli Batista, por me acompanhar nessa travessia, e por toda a graduação, acolhendo minhas angústias ao longo do percurso com cuidado, amor e olhar atento que tornaram possível todo este trabalho; sendo uma inspiração de professora me mostrando a potência de um ensino sustentado pelo cuidado e pelo amor. Ao professor Elinaldo Meira, que me acompanha desde o primeiro dia de aula e seguiu caminhando comigo por toda a graduação (nas aulas, no PIBID, nas escutas), sendo uma presença constante e importante na minha formação. Às professoras Alice Fátima, Valéria Fabiane e Carla Luzia, e aos professores Jossier Boleão e Luiz Olivieri, por terem feito da minha graduação um caminho de formação sensível e profundo, onde aprendi que conhecimento também se tece com cuidado e presença. Às minhas professoras da educação básica Cláudia, Eliane, Karla e Yani, e às professoras de desenho Cristiane Brandão e Simone, que estiveram comigo em momentos diferentes, inspirando e fazendo crescer em mim a vontade de ser professora. Às minhas amigas-amores que caminharam comigo nesta construção com muita escuta, paciência, companhia e diálogos que me motivaram a nutrir esse solo, em especial Ana e Tisha, que atravessaram seus próprios caminhos de criação junto comigo, me ensinando a confiar no processo e em todos os passos que já demos até aqui. À Amandinha, por ter me presenteado com canetinhas no início de 2025, abrindo um portal de traços onde, enfim, me reconheci. Ao Félix que, sem esforço, ressignificou minha relação com a leitura, ensinando-me que ler é menos sobre páginas e mais sobre presença, lição que me acompanhou em cada texto, autora e respiro que sustentou esse TCC, e ao Luk, por me ensinar a usar páginas aleatórias dos cadernos como solução do meu medo das primeiras folhas, me fazendo assim, criar e desenhar como um bicho solto. Obrigada, gracidida, valeu!



## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar o desenho como espaço de acolhimento do erro, da diferença e do imprevisível, compreendendo-o como potência para a construção de um pensamento pedagógico ético-amoroso no ensino de artes visuais. De modo específico, buscou-se refletir sobre o percurso pessoal com o desenho, problematizar práticas educativas que domesticam o traço e a subjetividade, e articular a noção de seres mais-que-humanos às experiências artísticas e pedagógicas. A pesquisa discute como metodologias baseadas no controle, na padronização e na valorização excessiva da técnica, podem produzir medo, silenciamento e afastamento da experiência sensível na escola. Como abordagem metodológica, adotou-se a *a/r/tografia*, compreendida não apenas como método, mas como modo de viver a pesquisa, articulando os papéis de artista, professora e pesquisadora. O percurso metodológico envolveu a escrita autobiográfica, a produção e reflexão de desenhos e caderno de artista, a revisitação de memórias escolares e formativas, bem como reflexões vindas de experiências em contextos educativos formais e não formais. O percurso dialogou com as autoras bell hooks, Donna J. Haraway e os autores Paulo Freire e Jorge Larrosa. Os resultados evidenciam que o desenho, quando entendido como espaço de encontro com o outro, pode operar como prática de cuidado, escuta e valorização das alteridades, humanas e mais-que-humanas, contribuindo para a construção de ambientes educativos mais sensíveis, plurais e abertos ao inacabado. Conclui-se que pensar o ensino de Artes Visuais a partir de uma ética amorosa, implica deslocar o foco do resultado para o processo, reconhecendo o traço como gesto vivo e formativo, capaz de sustentar práticas pedagógicas comprometidas com o cuidado, o amor, a liberdade e a valorização da diferença.

Palavras-Chave: Ensino de Artes Visuais; Pensamento pedagógico ético-amoroso; *A/r/tografia*; Desenho; Seres Mais-que-humanos.

## ABSTRACT

This study aimed to investigate drawing as a space for embracing error, difference, and unpredictability, understanding it as a potential force in the construction of an ethical-loving pedagogical thought within visual arts education. Specifically, the research sought to reflect on a personal trajectory with drawing, to problematize educational practices that domesticate the line and subjectivity, and to articulate the notion of more-than-human beings in relation to artistic and pedagogical experiences. The study discusses how methodologies grounded in control, standardization, and the excessive valorization of technique may produce fear, silencing, and distancing from sensitive experience in school contexts. An *a/r/tographic* approach was adopted, understood not only as a method but as a way of living research, articulating the roles of artist, teacher, and researcher. The methodological path involved autobiographical writing, the production and reflective analysis of drawings and an artist's notebook, the revisiting of school and formative memories, as well as reflections arising from experiences in formal and non-formal educational contexts. The inquiry was developed in dialogue with bell hooks, Donna J. Haraway, Paulo Freire and Jorge Larrosa. The results indicate that drawing, when understood as a space of encounter with the other, can operate as a practice of care, listening, and the valuing of alterities (human and more-than-human) contributing to the construction of more sensitive, plural, and open-ended educational contexts. It is concluded that thinking visual arts education from a love ethic implies shifting the focus from results to processes, recognizing the line as a living and formative gesture capable of sustaining pedagogical practices committed to care, love, freedom, and the valuing of difference.

Keywords: Visual Arts education; Ethical-loving pedagogical thought; *A/r/tography*; Drawing; More-than-human beings.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 — “Olhos de Josephina” (2025).....	17
Figura 02 — “Pulguinha” (2020).....	20
Figura 03 — Desenho e aquarela, feito observando o quintal e a Tarsila tomando sol.....	22
Figura 04 — Desenho de observação de uma foto (2020).....	25
Figura 05 — Atividade artística escolar (2004).....	26
Figura 06 — Pôr-do-sol, Vila Itatiaia (2025).....	27
Figura 07 — “Meio gente, Meio gato” (2015).....	28
Figura 08 — “Explorar o cosmo psíquico” (2024).....	29
Figura 09 — Caderninho companheiro da adolescência (2014-2016).....	36
Figura 10 — Zebrinha feita de aquarela (2020).....	37
Figura 11 — “Sem título” (2025).....	38
Figura 12 — Desenhos feitos em diferentes momentos de um mesmo dia (2025).....	39
Figura 13 — “Maleta-Constelação” (2025).....	40
Figura 14 — “Sem título” (2025).....	42
Figura 15 — “Mundo Tentacular” (2025).....	43
Figura 16 — Maleta-Constelação aberta (2025).....	44
Figura 17 — “Pra entender, precisa ficar olhando” (2025).....	44
Figura 18 — “Somos formados por um complexo de subjetividades” (2025).....	49
Figura 19 — Minha mãe, um filhote resgatado e muitas tampinhas arrecadadas (2020).....	50
Figura 20 — “Reciclar o mundo” (2025).....	51
Figura 21 — “Te encontro no caminho” (2025).....	52
Figura 22 — “Portal do real” (2025).....	55
Figura 23 — “Sem título” (2025).....	57
Figura 23 — “Orgânico” (2025).....	58
Figura 24 — QR CODE com link para explorar a Maleta-Constelação (2025).....	59
Figura 25 — “Mundo mais-que-humano” (2025).....	62

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

FAV	Faculdade de Artes Visuais
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

## SUMÁRIO

<b>PRA ENTENDER, PRECISA FICAR OLHANDO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 Um mundo mais-que-humano.....</b>	<b>19</b>
1.1 O que eu adoro fazer?.....	22
1.2 Acolher modos de ver o mundo.....	25
1.3 Olhar atento.....	32
<b>2 Olhar o céu, ver estrelas.....</b>	<b>36</b>
2.1 Traçar-com meu corpo papel.....	46
<b>3 Fazer-com (amor).....</b>	<b>53</b>
3.1 Maleta-Constelação.....	57
<b>ENTRE O INACABADO E O POSSÍVEL.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>63</b>

### **PRA ENTENDER, PRECISA FICAR OLHANDO.**

Na escola, frequentemente observamos um movimento de "domesticação" do traço, com a busca por simetria e precisão. Assim como tentam domar os animais, prendendo-os em jaulas e adestrados a cumprir expectativas humanas, o espaço educativo muitas vezes enjaula a criatividade. Quando crianças, desenhamos como bichos seguros e livres: rabiscamos, inventamos sem medo seguindo nossos instintos, desejos e necessidades. Com o passar dos anos e o avanço no percurso escolar, somos ensinados a obedecer, seguir padrões e regras, e temer. Medo de errar, porque o erro vem com a punição. Medo de fazer feio, porque desprezam o diferente. Medo de ser julgado, porque o olhar externo se torna aos poucos mais importante que o nosso olhar interno.

Animais de rua são frequentemente rejeitados por serem considerados “fora do padrão”, misturados, imprevisíveis, não obedecem às regras. Da mesma maneira, traços imperfeitos, erros, desenhos não-realistas são criticados, ou desvalorizados, na sociedade e na escola, que historicamente busca por padrões e perfeição.

Quanto mais a escola valoriza a repetição, o adestramento, o seguir instruções, o “certo”, menos os estudantes experimentam e aprendem sobre a liberdade de ser bicho, de ser traço, de ser erro. O medo de que meus traços não sejam bons o suficiente, nem precisos o suficiente para agradar ou serem exaltados me paralisa muitas vezes, me doma, me faz produzir com vergonha ou parar de produzir. Medo que engessa a criatividade. Esse é o medo que vivo como artista e que busco ressignificar através deste trabalho no campo pedagógico.

Me lembro quase sempre que sou bicho singular, que meu traço acompanha o que está dentro de mim. Não preciso seguir o que me dizem que devo seguir, nem ser o que dizem que preciso ser. Acolher o erro, a diferença. Aprender a exaltar e celebrar a diferença entre meus eus, você e todos nós, como um organismo vivo, onde cada um tem seu espaço para ser e viver aquilo que se é, de maneira única. Reconheço que somos atravessados por um complexo de intersubjetividades, nos construímos e nos transformamos no contato com o outro. É nesse movimento relacional que compreendo a potência de pequenos gestos de cuidado e atenção, capazes de produzir mudanças sutis, mas profundas, na forma como nos relacionamos com o mundo e com aquilo que é diferente de nós. Acolher e cuidar do outro, seja uma pessoa, bicho ou um fragmento do mundo, é também um modo de cuidar de si, de sustentar vínculos e de reconhecer que existimos sempre em relação. É a partir desse entendimento que esse trabalho começa, assumindo uma escrita a partir de metáforas, imagens, analogias poéticas como

forma de pensar e produzir conhecimento, entendendo que nem todas as experiências podem ser traduzidas por uma linguagem objetiva ou técnica. O gesto de “ficar olhando” propõe deixar de lado o olhar apressado, julgador e avaliativo para um olhar atento, cuidadoso e aberto ao inacabado, pensando o desenho como espaço de escuta, encontro e acolhimento.

Na seção “Um mundo mais-que-humano”, eu trago o conceito dos seres mais-que-humanos como uma chave para tirar a centralidade do humano e compreender a vida como um emaranhado de relações entre diferentes formas de existência. A partir das minhas observações e convivência com bichos, plantas, paisagens e outros seres, busco construir uma reflexão que articula desenho, educação e mundo vivo, dialogando com a autora Donna J. Haraway e o autor David Abram. O desenho aparece como prática que possibilita o encontro com o outro (humano ou não) e com aquilo que não consegue compreender plenamente. As analogias que faço do comportamento animal com o erro e com o imprevisível no desenho reforçam a ideia de que aprender a conviver com a diferença é também aprender a conviver com o imprevisível.

Na seção “Olhar o céu, ver estrelas”, apresento meu percurso com o desenho, resgatando memórias de infância, adolescência e da formação acadêmica como parte importante na investigação. Reflito sobre como o medo, o perfeccionismo e a ideia de dom artístico produziram afastamentos e silenciamentos ao mesmo tempo em que o desenho permaneceu como espaço de expressão, mesmo quando eram tímidos e silenciosos. A narrativa do meu percurso evidencia que o aprendizado não acontece de forma linear, mas em movimentos de aproximação, experimentação, pausa, erro, retorno. Ao pensar sobre o tempo do processo, construo analogias com os ritmos da natureza para pensar o desenho como prática que exige escuta e calma. A a/r/tografia surge como abordagem que me permite sustentar um modo de pesquisa que compreende a investigação como percurso vivido.

Na seção “Fazer-com (amor)”, o conceito de amor ocupa lugar central como fundamento ético do trabalho. Inspirada e motivada pelas escritas de bell hooks, entendo o amor não como um sentimento abstrato, mas como ação, escolha e responsabilidade. No livro, a autora abraça a ideia do amor como

a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa [...] O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade – isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar. (hooks, 2021, p. 47)

A partir dessa perspectiva, o ensino de artes visuais é pensado como prática de fazer-com: com o outro, com o erro, com o tempo, com o mundo mais-que-humano. Discuto como pequenas ações (olhares, palavras, silêncios, gestos) produzem efeitos profundos na formação

da subjetividade dos estudantes. O amor aparece como força capaz de sustentar ambientes educativos menos hierárquicos, mais atentos às singularidades e abertos às alteridades. A *Maleta-Constelação* aparece como síntese poética e material do percurso que vivi. Reunindo desenhos de diferentes momentos da vida, ela se configura como arquivo vivo, onde traços, memórias e versões de mim se conectam como constelações. A maleta materializa a pesquisa como percurso que exige parar, olhar e reconhecer que compreender exige tempo, atenção e abertura. O desenho aqui é gesto de coragem, acolhimento, reencontro com Outros e cuidado comigo e com o mundo.

Figura 01 — “Olhos de Josephina” (2025)



Fonte: Autoria própria (2025).

- \* Observações dos bichos,  
seu mais-que-humoror
- \* Escola que odia  
a domesticidade e traço.
- \* Fundamentação e problemáticas  
© erpindel

## 1 Um mundo mais-que-humano

*A pedra, o pé de amora, o caos, a crise, o erro, a ansiedade, Jorges, a mancha, um amigo ou desconhecido, a hachura, um gato faminto passando pela rua.*

*Aquilo, ou alguém, que é diferente de mim (ou que idealizo ser) que não entendo.*

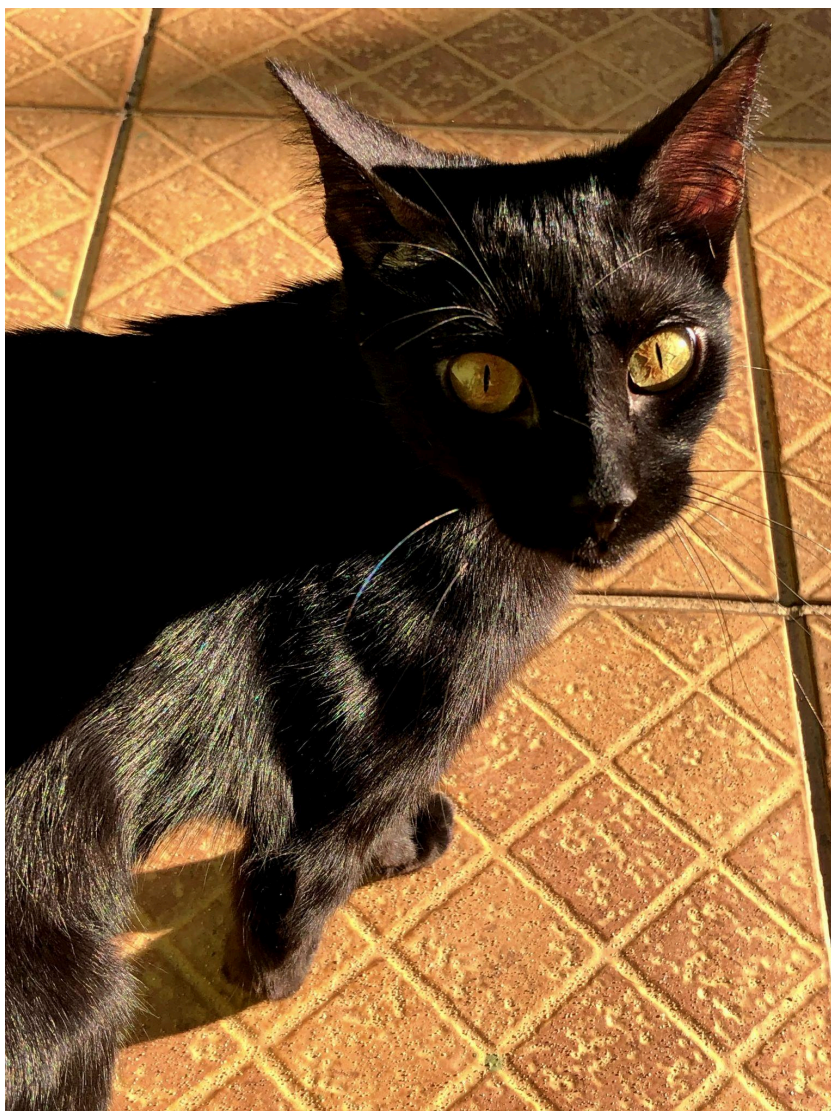
*Nesses encontros, nos encontramos, nos enxergamos e tememos.*

*Através do desenho, existe a capacidade de acolher o acidente, o erro, o que não era previsto. Perdemos essa capacidade entre nós.*



Desde pequena sou uma observadora e amante dos seres que chamamos de bichos. Fui criada por uma mãe que gosta muito da natureza, então na nossa casa sempre teve muitas plantinhas e bichinhos. A curiosidade sobre sociedades que não conseguimos entender, sempre me fascinou. O que será que a Pulguinha pensava, sempre que olhava pela janela do quarto? Pulguinha (Figura 1) é uma gatinha preta dos olhos amarelos canelados, que foi um dos grandes amores da minha vida. Observar ela durante a pandemia do COVID era meu *hobby* favorito, e cada movimento seu para seguir sua rotina, me intrigava. Ver ela e seus irmãos se acertarem sobre quem dormiria no pé da cama, sem eu ter que intrometer, reforçava nas minhas reflexões que não só nós, seres humanos, mas todos os outros animais também estavam ali buscando se entender no coletivo, para poder habitar da melhor forma. Seja através de uma simples briga para estabelecer hierarquia, como no caso da Pulguinha com seus irmãos, seja através de uma conversa com escuta atenta, como pode ser no caso dos seres humanos.

Figura 02 — “Pulguinha” (2020)



Fonte: Autoria própria (2020).

Neste trabalho, eu escolhi usar a expressão seres “mais-que-humanos” para me referir a todos os seres com os quais nós humanos compartilhamos o mundo, numa tentativa de desestabilizar a centralidade no humano, como se houvesse uma hierarquia entre nós e os “animais”, como se não fôssemos bichos. Esse termo aparece em vários campos de reflexão. Para Donna J. Haraway (2023), filósofa e zoóloga, pensar o mais-que-humano significa reconhecer histórias multi específicas, que se entrelaçam em grande e complexo conjunto de seres, entidades, forças que habitam e produzem o mundo juntamente com nós, seres humanos. Esse complexo é central na era que ela denominou “Chthuluceno”, em seu livro “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno”. Esse conceito, serve para tirar a centralidade no ser humano (que é visto como uma figura racional e autônoma), e reconhecer que a vida é feita por uma grande rede emaranhada de “entidades intra-ativas”. O termo

“mais-que-humano” nos mostra que somos apenas uma parte de uma vida tentacular. Para a autora, essa visão é importante para contrariar a “atrocidade merecedora de um nome como Antropoceno” e fazer com que este período marcado por impactos e destruição seja o “mais curto/enxuto possível”, cultivando uma possibilidade de futuro onde o florescimento multiespécies possa reconstruir refúgios. Haraway diz que o Chthuluceno, nome que ela propõe para a Era de parentesco radical, “[...] emaranha inúmeras temporalidades e espacialidades em uma miríade de agenciamentos de entidades intra-ativas que compreendem mais-que-humanos, outros-que-humanos, não humanos e humanos-como-húmus [...]” (Haraway, 2023, p. 201).

Em uma mesma direção, o filósofo e ecologista David Abram em *“The Spell of the Sensuous: Perception and Language in a More-Than-Human World”* (1996) utiliza o termo “*more-than-human*” (mais-que-humano) para se referir a um campo vivo de inteligências, sensibilidades e presenças que compõem a Terra, do qual o ser humano é parte inseparável. Em seu livro, Abram diz que viajou para a Indonésia e para o Nepal com o objetivo de estudar a relação entre magia e medicina com xamãs das regiões (p. 13). Ele escreve que não foi como antropólogo ou acadêmico, mas como mágico, buscando compreender a partir da própria experiência, as formas de percepção que ligam cura, encantamento e natureza. Nessa vivência com xamãs locais, Abram entende que *“His magic is precisely this heightened receptivity to the meaningful solicitations — songs, cries, gestures — of the larger, more-than-human field”* [Sua magia é, precisamente, essa intensa receptividade às solicitações significativas – canções, choros, gestos – do campo maior, mais-que humano]. Para ele, essa magia não é ilusão, mas uma grande abertura à comunicação do mundo: um modo de atenção que reconhece a Terra como um organismo vivo, habitado por múltiplas vozes e presenças. Ele nos lembra que *“We are human only in contact, and conviviality, with what is not human”* [Só somos humanos em contato e convívio com aquilo que não é humano] (p. 23), e que o afastamento dessa convivência gera não só desequilíbrio ecológico, mas também sofrimento físico e psíquico. Escolhendo articular essas vozes, eu percebo as utilizações citadas do termo, como pontos de partidas que me permitem nomear um conjunto de existências que, juntas, constituem uma grande comunidade sensível, compostas por múltiplas formas de vida e de consciência. Neste trabalho, usarei o termo como um modo de pensar os seres que compartilham o planeta, capaz de dissolver fronteiras entre humano-bicho, técnica-expressão, indivíduo-ambiente.

### 1.1 O que eu adoro fazer?

Moro em uma chácara (Figura 2) junto com outra humana (minha mãe), vários gatinhos, cães, pássaros, árvores nativas e frutíferas, cigarras, calangos (que eu chamo de Jorge, todos são “Jorges”).

Figura 03 — Desenho e aquarela, feito observando o quintal e a Tarsila tomando sol.



Fonte: Autoria própria (2022).

Entre os seres domesticados durante a história da humanidade, os cães e gatos foram os que mais convivi; mas, desde que me afastei do centro da cidade, passei a compartilhar o espaço também com visitantes não domesticados, como sapos, gambás, cobras e inúmeros insetos. É um convívio paradoxal: amo observá-los e valorizar suas vidas, mas junto ao amor carrego medos que me distanciam. Eu amo, mas tenho medo. Observo, de longe. Às vezes com a coragem acumulada e grande vontade de ver de perto, me aproximo. Nesse movimento percebo como também sou bicho, inspirada por eles a reencontrar instintos que tantas vezes o mundo tecnológico tenta adormecer. Reconheço que sou feita dessas relações, e que cada ser que cruza meu caminho deixa em mim uma marca, um traço que me forma, enquanto também deixo algo de mim nele. Entre esses encontros, os que mais me atravessam são com os animais de rua, onde percebo tanto a potência quanto a negligência de nossas relações: muitos

estão em todos os bairros, mas permanecem invisíveis aos olhos da cidade. Amamos os que vivem dentro das nossas casas, mas raramente levamos o mesmo cuidado aos que estão do lado de fora. É certo que o poder público tem responsabilidade diante da superpopulação, mas a ação individual, somada ao coletivo, já faz diferença. bell hooks diz que

Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. (hooks, 2018, p.123)

Penso que bell hooks se refere a humanos nesse trecho, e eu inevitavelmente estendo a todos os seres. A importância é a mesma: não são números, são existências singulares. Animais domésticos possuem direitos de serem: livres de fome e sede; livres de desconforto; livres de dor; ferimentos e doenças; livres para expressar comportamentos naturais; e livre de medo e estresse. Sabemos que existem milhares de animais que não possuem esses direitos assegurados, a pressão por políticas públicas que pensem nesse contexto é responsabilidade nossa, e o valor da ação individual fica mais valioso. Pressionar as instituições que vivemos e trabalhamos que possuem cães e gatos, animais comunitários, que coabitam nos mesmos espaços que nós, para que seja feito de maneira organizada políticas para a garantia da dignidade desses seres; ajudar, acolher, mudar o destino de um, já vale muito, pelo valor individual que assim como nós, seres humanos, temos, eles também possuem.

A rejeição que cães e gatos que vivem nas ruas vivenciam, se dá muito por estarem “fora do padrão”: misturados, imprevisíveis, incapazes de obedecer às regras. De modo semelhante, na escola, traços imperfeitos, rabiscos, “erros” ou desenhos não-realistas são criticados e/ou desvalorizados, em nome de um padrão de técnicas e perfeição. Quanto mais a escola valoriza a repetição, o adestramento e a instrução rígida, menos os estudantes experimentam a liberdade de ser bicho, de ser traço, de ser erro. Quanto mais controlado e domesticado o ambiente, menos instintivo e criativo ele é. Acolher o traço (entendido aqui como marca, gesto e alteridade) é como acolher esses animais que vivem à margem: é reconhecer valor naquilo que foi silenciado ou invisibilizado. O trabalho pedagógico, quando se abre para esse acolhimento, deixa de domesticar para passar a cuidar, permitindo que a vida, e o desenho, sigam sendo encontro, risco e invenção.

· Percursos com o desenho

· Questões com o percurso

· "Mado e amor como forças opostas"

## 1.2 Acolher modos de ver o mundo

*O outro pode ser encontrado dentro de mim, onde existem vários outros, ou fora.  
O outro pode estar vivo ou ser uma ideia, sentimento ou situação.*



Comecei a estudar desenho em 2020, em um curso de introdução ao desenho em uma escola de ensino não-formal. A turma era mista, pessoas de diferentes idades, e o curso acontecia online em decorrência da pandemia. O ambiente se tornava silencioso, pois as atividades aconteciam fora dos momentos de encontros online. Lápis bem apontado, medidas precisas, luz e sombra aplicada corretamente. Era o caminho que parecia me levar para me tornar artista. Eu tentava, com toda determinação, domar a linha para que ela se comportasse como esperavam, como se o gesto trêmulo precisasse pedir desculpas por existir. Saía cansada, com a sensação que havia mais erro do que traço. Mesmo sentindo frustrações com os resultados, eu sentia que essa prática me aproximava de interesses adormecidos.

Figura 04 — Desenho de observação de uma foto (2020).



Fonte: Autoria própria (2025).

Na infância eu desenhava como quem respira. Havia um prazer em inventar cenários, seres e mundos, e não uma obrigação em “acertar”, em fazer um traço perfeito, em ser validada e aplaudida. Em 2004, na escolinha que eu estudava, pediram para eu desenhar “o que eu adoro fazer” (Figura 4). Eu tinha 5 anos. Eu desenei nuvens e estrelas, e a professora escreveu a minha resposta na parte superior do desenho: “olhar para o céu, ver as nuvens”. A diversão que circundava o desenho estava acima de qualquer padrão ou expectativa imposta sobre. Um desenho colorido, expressivo, que não se importava nem um pouco em expressar a realidade.

Figura 05 — Atividade artística escolar (2004).



Fonte: Autoria própria (2025).

Quando encontrei esse desenho guardado, descobri que desde que eu tinha 5 anos o céu se faz hipnotizante para meu olhar. Há de ter algo mais-que-humano na beleza do céu do estado de Goiás. (Figura 5)

Figura 06 — Pôr-do-sol, Vila Itatiaia (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

A composição, a mistura e o complexo de cores que cada minuto do pôr e nascer do sol tem, enfatiza o quão pequeninos somos, apesar de acharmos o contrário.

Com o tempo, aprendi o medo. O olhar que vem de fora se torna mais importante e cria uma dimensão que ofusca nosso olhar interno. O medo de fazer feio, de sentir que não se encaixa, de não ter validação. Esse medo antigo se disfarça de perfeccionismo, a tentativa de controlar o incontrollável, de chegar em um nível sem erros com tudo em seu devido lugar. Quando adolescente, a ideia de ser artista vinha acompanhada com a ilusão de existir um “dom divino” que pessoas selecionadas por algo maior possuíam. Os desenhos eram tímidos, feitos em um caderno secreto, acompanhados de poesias, textos, desabafos. O medo deixava guardado, pois era certo que o dom não havia sido destinado a mim. Mas as revoltas, sonhos, dores e amores (Figura 6) eram expressos através da linguagem visual e textual, e se transbordavam em desenhos que expressavam o que queria pular de dentro de mim.

Figura 07 — “Meio gente, Meio gato” (2015).



Fonte: Autoria própria (2025).

bell hooks me ajudou a entender o medo e o amor como forças opostas, não apenas no que se refere ao outro que está externo a nós, mas também no modo como nos relacionamos

com o que criamos, com o que gostamos, com o que somos. “Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo, contra a alienação e a separação. A escolha por amar é uma escolha por conectar – por nos encontrarmos no outro.” (hooks, 2021, p. 129). Amar o próprio traço é uma escolha por se aproximar, mesmo quando a vontade é se afastar do que não saiu como esperávamos. É continuar, mesmo tremendo. Desenhar se tornou um exercício de coragem para mim: olhar para o que surge do meu gesto e não rejeitar. Acolher a linha torta, o contraste exagerado e desobediente, o dito erro que insiste em aparecer: aquilo que sai do trilho. Cada traço é um espelho do que sinto no instante, do que acontece dentro de mim, da bagunça sorteada do dia, às vezes firme, às vezes hesitante. Não há como exigir plena ordem do que é vivo.

Demorei a entender o tempo do processo. A pressa me seguia: queria o resultado, queria o bonito, o perfeito, o certo. Mas o desenho, como todos os processos vivos, não se apressa. Ele acontece no ritmo das cigarras que anunciam as chuvas, no caminhar dos calangos que esperam o sol para dar os primeiros passos do dia, no desabrochar lento da flor de mandacaru, que não consulta o relógio anunciado no canto da tela do computador. O tempo da arte é orgânico, é o tempo da natureza: espiralado, imperfeito, com pausas.

Figura 08 — “Explorar o cosmo psíquico” (2024).



Fonte: Autoria própria (2025).

Percebo algo profundamente mais-que-humano no ato de desenhar. O traço é como as pegadas de um bicho na terra molhada: registro de um caminho. Ele mostra presença, mas também ausência. O que fica sobre o papel é o traço do encontro entre corpo e mundo. Quando apago demais, quando tento corrigir tudo, é como se apagasse os passos e marcas do que vivenciei. Hoje, eu olho para o papel e tento agir como os bichos que convivem comigo na chácara: os gatos que se alongam antes de agir após uma soneca, as formigas que traçam caminhos tortuosos, os pássaros que desenharam linhas no céu sem medo de errar o percurso. Todos desenharam com o corpo, com o instinto. Aprendo com eles a escutar o mundo com o que me rodeia. Alguns desenhos antigos pareciam frágeis, imaturos, outros feios e aprisionados. Hoje, percebo cada um deles como gestos de uma versão minha que estava aprendendo a caminhar. São testemunhas de um percurso.

Quando queremos padronizar gestos, quando reduzimos o processo à técnica, quando esquecemos que o aprendizado é feito de tentativas e tropeços, a dominação nasce. bell hooks escreve que “culturas de dominação se apoiam no cultivo do medo” (2021, p. 128), o amor então, nesse contexto, é resistir e permitir que o traço escape da domesticação e volte a ser bicho livre. Afirmando, tentando me apropriar do “feio”, que meu desenho é feio. Feio como a terra molhada grudada nas patas de um cachorro, feio como ferida antes de cicatrizar. É nesse feio que mora a vida e que o amor encontra espaço para crescer.



Eu te vejo, parte de um todo...  
~ MODELOS, PADRÕES, ALTERNATIVAS, OLHAR ATENTO  
A importâncias de olhar atento do prof  
sobre os comportamentos, conexões  
Práticos de amor, de cuidado...

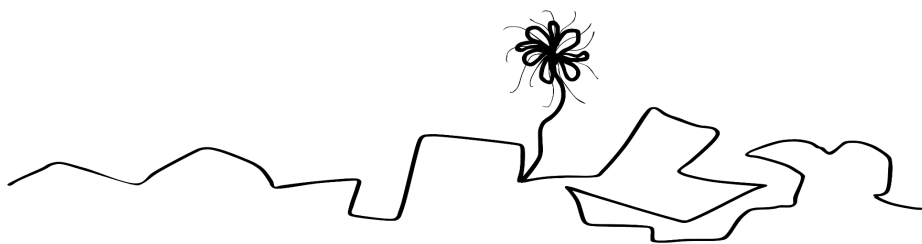
### 1.3 Olhar atento

*Através do medo e comparação, parei muitas vezes de fazer.*

*E percebi que meu traço é só mais um bicho no mundo - como a gatinha do filme, que apelidei de Pulguinha, como o cachorro que fiz carinho hoje na rua, como o traço torto que escapou quando me concentrei muito pra fazer.*

*É no traço imperfeito, no erro acolhido, na escuta após a rachadura, que se pode fazer o cuidado mais bonito: Um cuidado com o outro, com o que foge, com o que não se encaixa, com o que difere de mim, com o que não entendo. Comigo mesma, refletida em tudo que encaro.*

*O desenho não é sobre ser bonito, é sobre ser encontro, ser espaço de se escutar, de se perder e encontrar, de se perdoar e aceitar.*



Percebo que algo se repete na história da educação brasileira: o desejo de moldar. Desde os primeiros modelos de escola, buscou-se formar pessoas “adequadas”, disciplinadas, capazes de seguirem regras e silenciar seus instintos e desejos. Émile Durkheim, no início do século XX, já apontava que a educação tinha a função de transformar o “ser individual” em um “ser social”. Jean-claude Filloux cita e discute o pensamento do sociólogo, dizendo que

Cada sociedade fixa um certo “ideal do homem”, do que ele deve ser, do ponto de vista intelectual, físico e moral, sendo esse ideal o próprio polo que norteia a educação. A sociedade só pode viver “se existir entre seus membros uma suficiente homogeneidade”. A educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando, antecipadamente, na alma da criança as alianças fundamentais exigidas pela vida coletiva. (Durkheim apud Filloux, 2010).

A moral vem da necessidade de controle, da manutenção de violência, da padronização de corpos, subjetividades, pensamentos e atitudes, e deixa de lado, exclui e até demoniza, tudo aquilo que difere, do que escapa. Qualifica como “desvio da curva”. Ainda hoje, o traço é corrigido, o gesto é contido, as ambições combatidas... porquê, como é possível ter ambição quando o que você faz, quem você é, vindo de onde você veio, se interessando por coisas que a maioria não entende e/ou como você vive a sua vida, mesmo que seja seguindo um caminho que te preencha, pode ser o fator que não te deixa se sentir pertencente e capaz?

Refletir por essa lógica, me fez pensar em um possível entrelaçamento, dessa perspectiva de enxergar a função da educação, a partir do pensamento de Durkheim, com o pensamento neoliberal que assombra esse século que estamos. Ao defender a meritocracia e o

progresso pessoal, ele se sustenta em uma visão de que o sucesso na vida é resultado de um esforço individual, e se você não atingi-lo, a culpa é sua. Para conseguir vencer, você precisa seguir caminhos específicos, muitas vezes vendidos por aí por *coachs*, se enquadrar, se comportar, pensar e agir de formas específicas. Afastar do que acende sua luz, porque não é vendável. Seguir modelos, para ser amado, ter sucesso e dinheiro, ser aplaudido. E se você não atingir, mesmo seguindo todos os passos dados, a culpa continua sendo sua. É uma forma de pensar que, quando penso na escola, percebo sinais de sua influência. Em “Tudo Sobre o Amor” de bell hooks, que seguirá sendo um guia deste trabalho e de todas as outras esferas da minha vida, ela diz que: “Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos [...]” (2018, p. 123), o espaço que esses pensamentos citados ocupa na nossa sociedade, refletem no comportamento e atitudes vistas dentro da sala de aula entre estudantes, professores e gestão.

O ensino baseado nas repetições, na técnica, em perguntas objetivas que as respostas não podem ter espaço para além do certo e errado, na disciplina, no alinhamento das cadeiras, no silêncio profundo, com movimentos corporais limitados, não consegue confluir com pensamento pedagógico ético-amoroso. bell hooks afirma e nos lembra que,

[...]a dominação não pode existir em qualquer situação social em que prevaleça uma ética amorosa. É importante lembrar a percepção de Jung, de que, se o desejo de poder predomina, o amor sai. (2018, p. 134)

É preciso acolher as alteridades, as singularidades. A escola é um período sensível para muitas pessoas, a nossa identidade começa a se formar nesse espaço. O ensino de Arte deve ser um dispositivo para aflorar o pensamento crítico, incentivar o “nem sim, nem não... penso que...”, a argumentação, a problematização e a contestação em uma sociedade que opera a favor da padronização. É um espaço que pode abrir os estudantes para se identificarem uns com os outros, se conectar com o outro e lidar com as diferenças. O ensino de arte na escola, é um espaço de respiro para muitos estudantes, e de medo para outros. “Não sei desenhar”, ouvi isso diversas vezes em experiências de estágio e PIBID. Como não saber desenhar? O que falta para saber? Técnica? Ser aplaudido por ter se encaixado no que dizem ser bonito? É possível enxergar essa tentativa de padronização até mesmo quando vamos desenhar. Quando alguém diz isso, talvez esteja dizendo “não fui acolhido no meu modo de ver o mundo”, e nesse sentido, ensinar arte é abrir espaço onde cada traço possa respirar, onde o processo tenha mais valor que o resultado, onde o que é chamado de “feito” possa existir como possibilidade, e não como falha.

Percebo no meu olhar o movimento de buscar sempre, na sala de aula, pelos estudantes que não se misturam com o restante, que não se concentram, que demonstram falta de autoconfiança em suas opiniões e no resultado de suas atividades, ou os que são categorizados de indisciplinados. Estes, geralmente não conseguem seguir os padrões ou dar os mesmos passos que o restante, isso afeta a autoestima e a segurança de que é possível seguir outros caminhos. Quando eu planejei as aulas que tive as experiências de regências durante a graduação, todas as vezes percebi meu pensamento sendo dominado pela preocupação de como fazer com que aqueles alunos que observei, pudessem se interessar, se sentir parte e se envolver nas atividades. Aqui destaco o “olhar atento”, termo que cruza minhas emoções e reflexões em muitos momentos do ano de 2025, neste que escrevo. Me lembro de um dia na sala de aula, na Faculdade de Artes Visuais (FAV), que falei uma opinião sobre o agronegócio e de como esse sistema de produção busca aflorar um sentimento de culpa individual nas pessoas, fazendo-as acreditar que banhos curtos irão resolver a crise da água no mundo. Não fui bem interpretada por alguns colegas, e diante desse momento me senti insegura e a minha vontade era de ir embora da sala. Depois de muitas opiniões serem dadas, o professor da disciplina, Jossier Boleão, retomou o que eu disse, em outras palavras, me referenciou e fez com que meu comentário pudesse ser melhor compreendido. Essa pequena ação causou um grande impacto positivo dentro de mim, ficou evidente ali o poder de um olhar atento. Nunca conversamos sobre isso, mas o que capturei desse momento, o que fez sentido dentro da minha cabeça, foi que eu fui vista e acolhida. Penso ter sido nítido o quão afetada eu fiquei na situação e uma simples atitude, de mostrar apoio ao que eu disse, mais do que uma validação, foi para mim um cuidado. hooks afirma que

Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes – cuidado, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. (2018, p. 47)

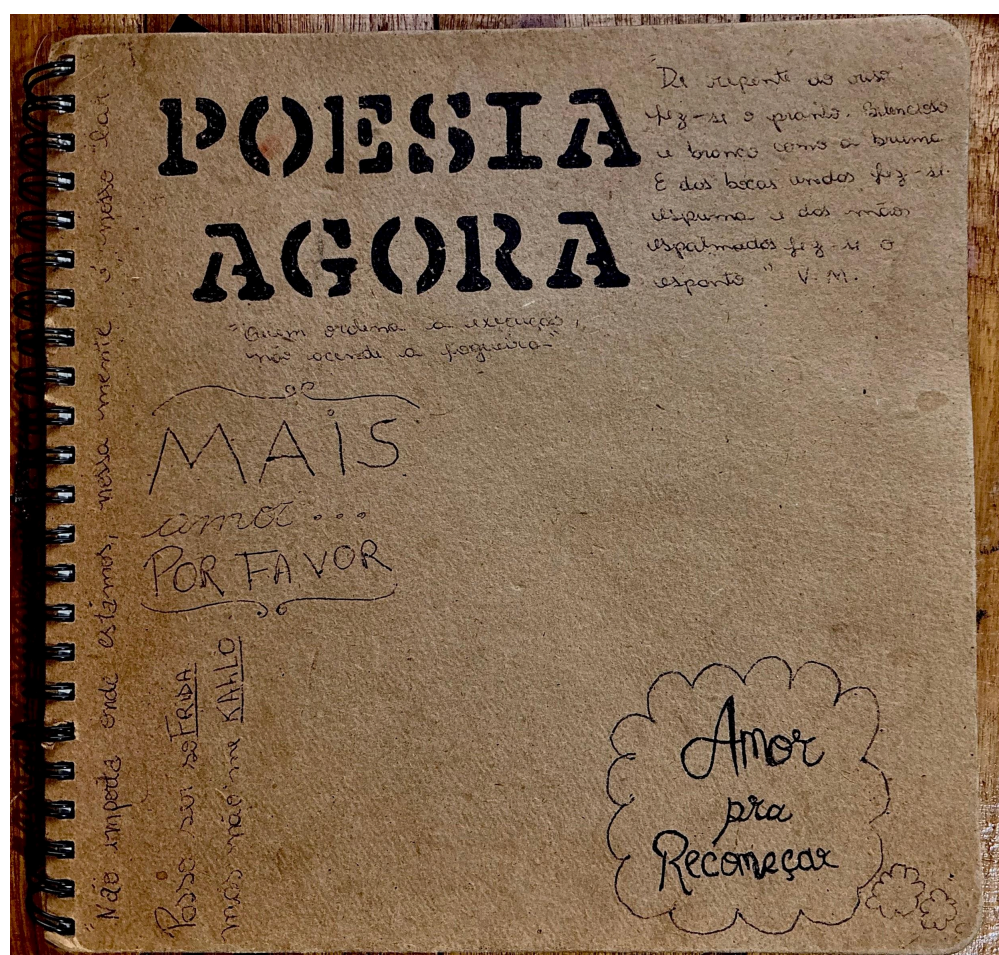
Para uma prática pedagógica seguir uma lógica amorosa, o olhar atento se torna uma ferramenta preciosa de cuidado para identificar necessidades, acolher as diferenças e tratá-las como parte fundamental de um mundo diverso.

Enveredo nas possibilidades...  
A/R/teogofia <sup>no</sup> o caminho  
que se fez  
no entre.  
Cada no de artista.

## 2 Olhar o céu, ver estrelas

Quando o pré projeto desta pesquisa estava sendo desenvolvido, era evidente que meu percurso com a arte, e tudo aquilo que me atravessava nas reflexões sobre todo meu processo, dificuldades e inseguranças, estariam presentes nas minhas escritas. Minhas práticas artísticas começaram na infância, e durante a adolescência me afastei. Eu gostava muito de escrever poesias em um caderninho (Figura 8), que me acompanhou por uns anos nessa fase, principalmente as sobre dores e amores. Era um espaço seguro onde eu podia escrever e refletir sobre aquilo que circulava dentro de mim.

Figura 09 — Caderninho companheiro da adolescência (2014-2016).



Fonte: Autoria própria (2025).

Mas nessa época eu ainda não sabia que era artista, na verdade isso estava distante do que acreditava ser minha realidade. Passei muito tempo pensando que para ser artista eu precisava ter algum dom, ou algo que eu fizesse desde nova. Entrei na faculdade de Medicina Veterinária, fiquei por 3 anos e, desde o início da graduação, eu sentia que não era o meu lugar. Acreditava que em algum momento fosse surgir uma grande ideia de profissão, e que

então eu mudaria de rota. Porém, só descobrimos caminhando, nada se resolve só dentro da cabeça, é preciso tentar coisas novas, buscar vontades, sonhos, experimentar. Nesse momento eu não entendia bem isso, e, em 2020, quando a pandemia da COVID-19 chegou, tudo parou, e eu me vi sozinha. E nesse momento, todas as pessoas que puderam ficar dentro de casa, estavam se reinventando dentro de seus espaços. Um amigo artista da época, chamado Jordani, me sugeriu comprar tinta aquarela escolar para eu brincar e me distrair com outras coisas e, não demorou muito para que eu estivesse completamente imersa naquilo.

Figura 10 — Zebrinha feita de aquarela (2020)



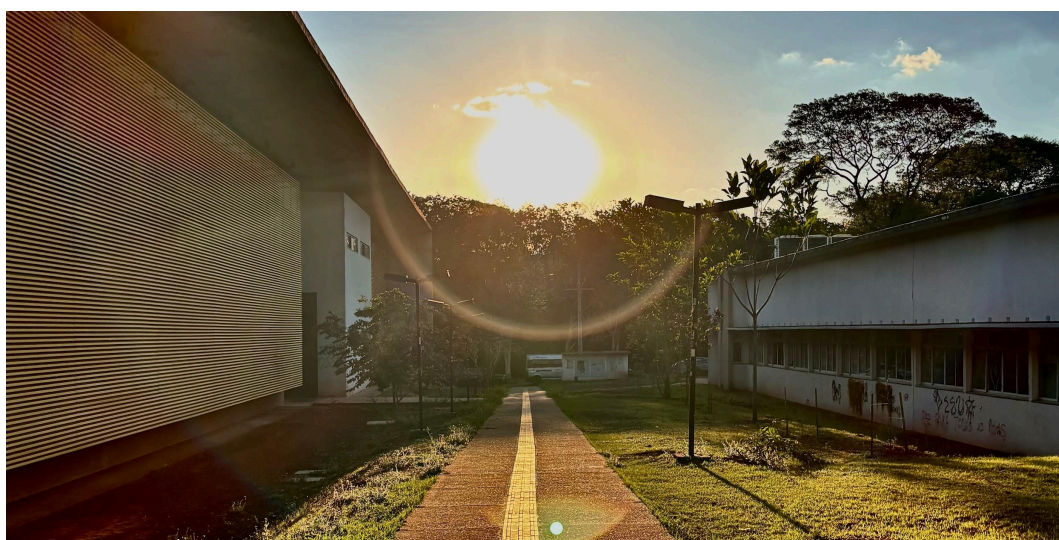
Fonte: A autoria própria (2020).

Durante o ano de 2021, eu fiz cursos de desenho, estudei design gráfico, eu tinha cada vez mais certeza que o lugar que eu estava não fazia sentido para mim. Eu sempre soube. Dois anos depois do início do isolamento, em 2022, me transferi para o curso de Artes Visuais, sem ter muita experiência e sem saber de muitas técnicas de arte, até hoje fico impressionada com a coragem que aquela Ana Clara teve. Quatro anos se passaram, e dizem que o que é bom passa rápido. E foi muito ligeiro.

Entrei na Faculdade de Artes Visuais com muitas inseguranças e com dificuldade de lidar com o tempo e o processo das coisas. E durante os quatro anos, me dediquei muito para

conseguir entender e desfrutar de cada segundo. Percebo, hoje, que aquilo que é mais bonito, é aquilo que foi construído com calma e desfrutado em todas as etapas. A “calma” eu digo por ser necessária para entender que todo aprendizado requer tempo, paciência e confiança. Nos superamos todos os dias e, quando nos permitimos observar com menos pressa e menos cobrança, conseguimos perceber essas pequenas transformações cotidianas que revelam nossa potência de seguir. Entendo que “desfrutar todas as etapas” é o que dá sentido à beleza daquilo que foi construído: o bonito está no próprio caminhar e nos desdobramentos que ele produz. O destino final, por mais esperado que seja, é sempre incerto e, quando chega, termina. É no durante, no atravessamento, que a vida acontece. Foi a partir dessa compreensão sobre o tempo, o processo e o valor do percurso que percebi na a/r/tografia um caminho possível para pensar e viver a pesquisa de maneira coerente com o que aprendi nesses anos. Assim como a vida e a arte, ela se constrói no movimento, nas relações e nos atravessamentos que surgem no caminho. A a/r/tografia não busca conclusões prontas, mas acompanha o fluxo do fazer, do sentir e do refletir, e permite que o pensamento se forme junto com a experiência, no gesto de caminhar. É um modo de pesquisar que acontece junto da vida, onde o pensar e o fazer se misturam, se afetam e se transformam mutuamente. Nela, artista, professora e pesquisadora não se separam, se atravessam, se confundem, se escutam. Como Dias e Irwin (2023, p. 19) nos lembram, “[...] sentido não é encontrado, mas construído, e que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo.”. Ele se constrói a cada encontro, no gesto, na pausa, na coragem, no traço que se arrisca.

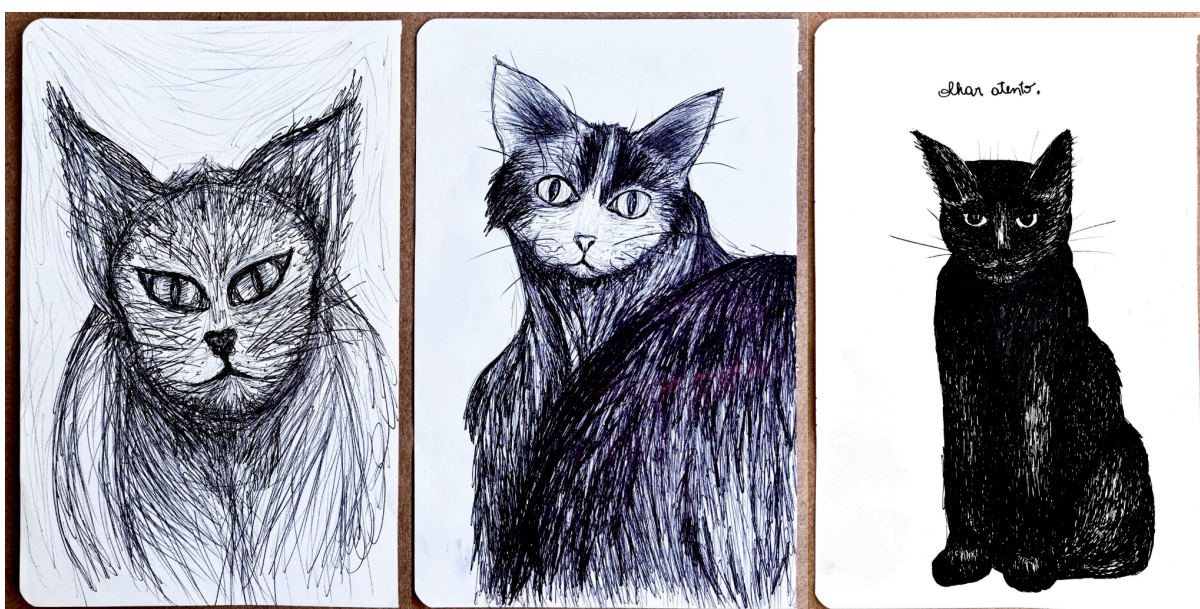
Figura 11 — “Sem título” (2025)



Fonte: Autoria própria (2025).

A a/r/tografia me convida a olhar para o desenho como um lugar de relação, um espaço onde é possível dialogar com o que é humano e mais-que-humano, com sensações, memórias, medos, afetos e presenças que se manifestam no suporte e fora dele. É nessa travessia que a pesquisa acontece: quando o traço se torna encontro, quando o erro vira diálogo, quando o pensamento nasce de dentro da experiência. A partir disso, através das folhas de cadernos e desenhos feitos em folhas soltas e atividades escolares, de diferentes épocas da minha vida, eu entro em universos possíveis em que posso continuar minha infinita caminhada em busca de entender tantas coisas que atravessam o meu olhar. Meu caderninho de artista-professora-pesquisadora é, assim, o chão dessa caminhada.

Figura 12 — Desenhos feitos em diferentes momentos de um mesmo dia (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

Durante a busca de ideias para desenvolver este caderno, após comentar sobre possíveis costuras, capas e tamanhos para minha orientadora deste trabalho, fui questionada por ela do porquê o caderno deveria ser apresentado em uma estrutura específica. E após esse encontro, passei alguns dias pensando a respeito. O que eu busco entender, de maneira simplificada, é como fazer com o que o percurso escolar, como o ensino de artes visuais, possa ser gentil, acolhedor, seguindo uma uma lógica amorosa, buscando romper normatividades para que haja espaço e valorização para cada alteridade presente ali. E quando penso meu percurso com o desenho, percebo as diferenças entre os traços, as linhas, as preocupações que minha cabeça parece ter se embolado no momento em que encarei o papel em branco. Abrindo caixas antigas, me deparei com atividades artísticas escolares de 21 anos

atrás, quando eu tinha só 4 anos de vida (Figura 4). Abrindo gavetas que eu não visitava há tempos, encontrei um caderninho que me acompanhou por alguns anos na adolescência (Figura 8). Essa volta no tempo, me fez perceber todo percurso que vivi e que carrego comigo. Não são apenas desenhos, são registros feitos por mim, por outras versões de mim, por versões que compõem o Eu que brinca, tenta, falha, esconde, paralisa, recomeça. E todos esses caminhos por onde andei, todos os cenários que me atravessaram, todas as cores que brilharam pro meu olhar, todos os medos que cresceram, todos esses desenhos que tracei, me acompanham aonde quer que eu vá e, eu queira ou não, eu saiba ou não, estará dentro da minha *Maleta-Constelação* (Figura 10), nome que dou a conexão viva dos meus traços, um lugar onde meus desenhos se tornam estrelas, e meus traços os conectam.

Figura 13 — “Maleta-Constelação” (2025)

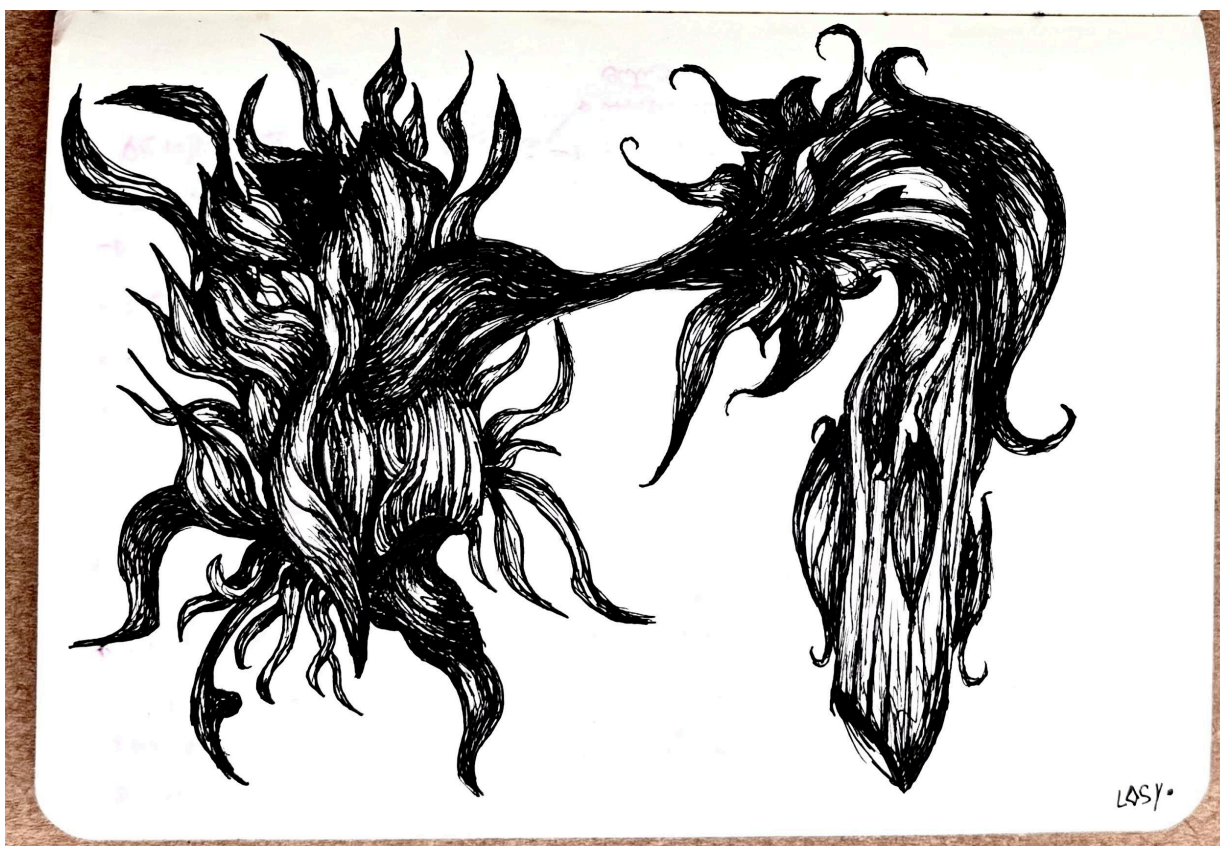


Fonte: Autoria própria (2025).

Dentro de uma maleta vermelha, guardei não apenas papéis, mas pequenos astros que iluminaram meu próprio percurso: traços de bicho solto; traços tímidos que abraçaram a adolescência; traços preocupados em momentos de transformações; e riscos que fiz para me aproximar de mim. Juntos, contam sobre o processo de me reconhecer e de compreender o

desenho como universo infinito de possibilidades e encontros. Carregar essa maleta é carregar um céu que não está acima, mas dentro. Um céu que se dobra em papel, que se movimenta comigo, que muda e transforma conforme minhas mãos aprendem, desaprendem e reaprendem. Há saltos, traços domados, silêncios, brilhos súbitos, marcas de borracha, caneta esferográfica. Em algum momento, para mim, o desenho foi ter domínio técnico. Hoje, ele me orienta a buscar maneiras de me localizar no mundo, de me conectar a outros, de respirar em meio ao caos, de enxergar as conexões que me fizeram caminhar até aqui. A maleta é vermelha como sangue, como cicatriz, como (re)começo. Vermelha como o coração quando pulsa, como o afeto que atravessa. Ela abriga fragmentos de meu *corpo-papel*, meu corpo que também é papel: rasurável, rasgável, rabiscável, permeável ao tempo. Essa maleta é minha companheira de percurso, do percurso da vida, e do percurso de TCC. Antes mesmo de sua materialização, ela viaja comigo, testemunha experiências, guarda rastros e costura conectando tempos. É maleta, mas também é mapa; é arquivo, mas também é presente e futuro; é constelação, mas também é corpo. Ela revela algo que aprendi com o mais-que-humano: a vida é tentacular, é feita de redes, conexões. Conexão com o outro, não só o outro que habita fora de mim, mas todos que que já fui, sou e um dia serei. Só brilhamos quando estamos conectados, cada gesto traçado é um modo de habitar o mundo.

Figura 14 — “Sem título” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

Ao longo desse movimento, as ideias de bell hooks, Donna Haraway, Paulo Freire e Larrosa, se tornaram grandes companheiras, me ajudando a pensar o cuidado, o amor e as relações que nos formam. Mais do que método, a a/r/tografia se tornou para mim um modo de viver a pesquisa: um caminho que se faz com o outro (outro fora de mim, outros dentro de mim), com o tempo, com o traço e com tudo aquilo que me atravessa e me transforma enquanto me movimento.

Figura 15 — “Mundo Tentacular” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

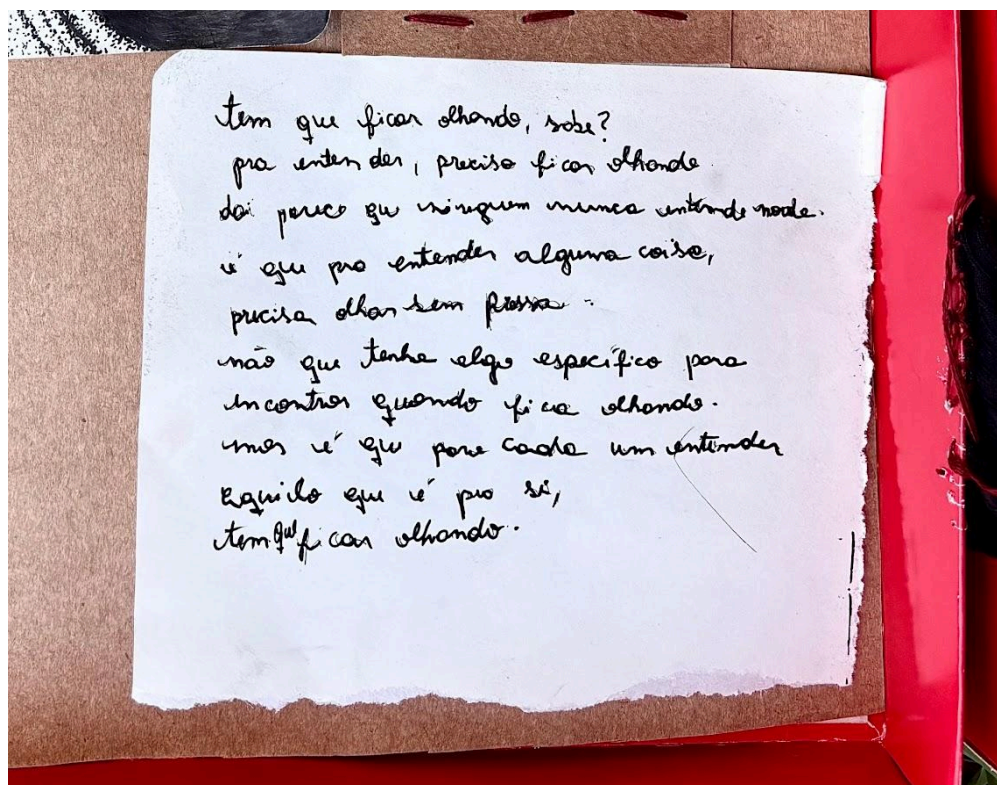
Ao abrir a *Maleta-Constelação*, não vejo apenas desenhos feitos por mim, vejo os momentos, as histórias, os medos, as relações, comprovo que não estou sozinha. Meus traços formam companhia, parentescos, luzes, e nessa rede reconheço o caminho que fiz: não em linha reta, mas como constelações que se inventam e reinventam ao longo do percurso. Mas pra entender, tem que olhar, tem que ficar olhando sem pressa, sabe?

Figura 16 — Maleta-Constelação aberta (2025).



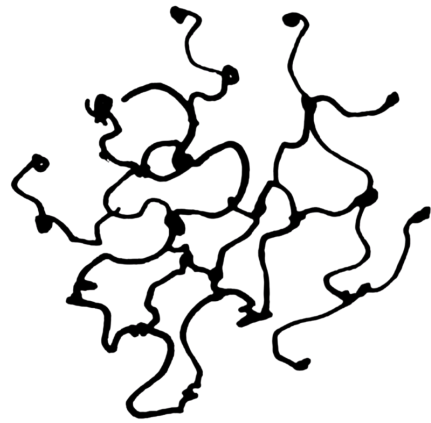
Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 17 — “Pra entender, precisa ficar olhando” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

dentro — espaço  
 troço — altitude  
 gesto — ação  
 corpo — obra  
 Troço — com  
 Troço — com  
 Simpliciter.



## 2.1 Traçar-com meu corpo papel

*Me relaciono com o papel, com a caneta e com o traço.  
 O papel é um espaço de encontro do meu eu que idealizo com o que erra.  
 A caneta é o meio de travessia, a ponte que nos une.  
 O gesto falha, erra, se embaralha – e isso pode ser acolhido, transformado.  
 Permito surgir um outro.  
 Não existe controle total, nem no papel e nem fora dele. O desenho é resultado de um  
 processo de infinitas possibilidades, como na vida e nas relações com o outro.  
 Não apago, não corrijo, não domo. Eu escuto, e deixo o acaso surgir, me transformo.  
 Acompanho o fluxo.*



A escola é um ambiente em que os olhares estão constantemente se atravessando. Olhares que classificam, que comparam, que silenciam, que projetam expectativas e medos, e também olhares de admiração, acolhimento. Pode ser um lugar de encontro, de identificação, onde o “eu” começa a crescer, e aparece tímido, vulnerável, buscando reconhecimento e conexão. A escola, antes de ensinar conteúdos curriculares, semeia modos de existências. E, pensando com Larrosa (1994), a escola não é um espaço neutro ou um espaço natural de desenvolvimento, mas um espaço que “produz[indo] formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular [...]” (1994, p. 20). Ao atravessar os corredores, circular no pátio, vivenciar o cotidiano escolar, aprendemos a nos ver, nos narrar, nos julgar e nos controlar. Percebo que fui moldada por cada escola que passei. No ensino médio, as turmas eram divididas entre “melhores alunos”, “alunos medianos” e “piores alunos” em relação a notas. Após simulados e provas, as listas de desempenho eram fixadas no mural da sala, ou do pátio a depender da prova. As notas do simulados em ranking, intensificando e incentivando a competição, separação e o individualismo. Cada um por si. Aprendi a me enxergar pelos olhos de fora, a antecipar críticas e julgamentos, a esconder o que poderia “exageradamente” escapar da curva, buscando me encaixar. Hoje está nítido para mim, que o medo de ser bicho solto, o medo de não ser validada, ou de não ser suficiente, não é apenas quando encaro o papel.

Em uma experiência de estágio, me deparei com uma estudante que foi muito elogiada, pelo professor regente, por suas notas e dedicação em todas as matérias. Ele me disse que ela tinha só notas altas e era muito boa em diversas técnicas artísticas. Conversei com ela algumas vezes, e ela me disse que quando crescesse queria ser médica cirurgiã

cardiologista. Durante a realização das atividades, as obras dela eram muito elogiadas, ela tinha muitas habilidades técnicas, seus desenhos eram realistas, coloridos, sempre impecáveis. Lembro que fiquei impressionada com tamanho conhecimento, principalmente de pintura com lápis de cor, ela praticava há menos de dois anos, e tinha notas altas em todas as matérias. Uma estudante muito dedicada e curiosa com o mundo. Hoje refletindo sobre tudo que escrevo aqui, percebo como essa ação de supervalorizar o desenho padrão, realista, feito por conhecimento técnico, sem fazer o mesmo com outras obras diferentes do padrão, foras da curva, sem rigor técnico, expressivos, muito gestuais, é uma forma de manutenção dessa ideia do que é considerado um desenho bonito. Larrosa nos ajuda a pensar esse acontecimento, quando percebo como meu discurso sobre determinadas obras, e a ausência dele em outras, pode compor um “dispositivo pedagógico”, que o autor define como “[...] qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo.” (1994, p. 20). Para a estudante que é valorizada com elogios, sugestões, perguntas sobre o processo, sentir confiança no processo artístico, e ter interesse nele, pode ser mais natural. Coisas que parecem detalhes, às vezes podem gerar grandes impactos sobre os discursos que temos sobre nós mesmos, e sobre o outro.

Se penso na escola, pela perspectiva da experiência, como sugere Larrosa (1994), começo a entender que esse emaranhado de olhares, gestos e expectativas também constitui modos de existência. A experiência é aquilo que “[...] nos acontece, nos toca” (2002, p. 21) e é através desses toques (sutis ou intensos) que vamos encontrando formas de ser e estar no mundo. Assim, cada interação se torna um processo orgânico de construção do “eu”, atravessado pela palavra do outro, e pelos discursos de cada um. Como lembra o autor, somos seres “tecidos de palavras” (2002, p. 20), e é nesse tecido que aprendemos, desde cedo, a reconhecer nossos potenciais, possibilidades e limites. A experiência só se torna possível quando estamos envolvidos uns com os outros, quando deixamos que o mundo mais-que-humano (e aqueles que coabitam conosco) nos atravesse. Larrosa descreve o sujeito da experiência como

[...] um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (2002, p. 24).

Esse pensamento abre espaço para pensar a formação básica não como algo isolado, individual, mas como algo que se dá entre: entre corpos, entre palavras, entre gestos, entre mundos que se encontram. Para que a experiência aconteça, há de ter abertura e curiosidade. Paulo Freire (2024) insiste que professora e estudante se assumam em uma postura

[...] dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (2024, p. 83)

Quando ele afirma que:

[...] o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", "interpretado", "escrito" e "reescrito". [...] quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato" deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola. (2024, p. 95)

Entendo que ele está apontando justamente para a importância de que o estudante se reconheça ali: que se veja como alguém que lê e desenha aquele espaço, e não apenas como quem recebe informações passivamente. É a partir dessa leitura minha de Freire, que compreendo que, quando o estudante se percebe, fazendo parte da cena, e com espaço para perguntar, sugerir e criticar, ele se abre mais para a experiência. Ao invés de compreender a educação (em um sentido amplo) como transmissão de conteúdos, essa perspectiva nos convida a vê-la como um campo de relações e atravessamentos. O que não nos toca, o que não cria essa zona de passagem entre eu e o outro, não se constitui em experiência. Afasta o estudante do interesse por o que acontece ali. Por isso, toda formação é também uma trama de afetos, interdependências e vínculos que vão se construindo na convivência, na conexão.

É aqui que encontro conexão com Haraway (2023), o *fazer-com*, e a impossibilidade de existir de forma isolada. Estamos sempre emaranhados em redes de interdependência, humanas e mais-que-humanas. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser apenas um lugar de transmissão de conhecimento para se tornar um lugar de encontros, que podem gerar vínculo, cuidado e reconhecimento, mas também pode gerar medo, individualismo, hierarquização e apagamento. E é por isso que falar de cuidado, dentro desse contexto, é uma responsabilidade ética. Amor não é um simples sentimento individual e inexplicável. Práticas de amor e cuidado são compromissos que se constroem na convivência, por meio da presença, dedicação, escuta e reciprocidade. hooks nos orienta, dizendo que

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assumam responsabilidade e comprometimento. Somos com frequência ensinados que não temos controle sobre nossos "sentimentos" Contudo, a maioria de nós aceita que escolhemos nossas ações, que a intenção e o desejo influenciam o que fazemos. Também aceitamos que nossas ações têm consequências. [...] Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança. Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. (2021, p. 55)

Percebo hoje, que grande parte do que me formou na escola não veio apenas das notas, mas das relações: do modo como fui olhada, cuidada, classificada, incentivada ou silenciada. Cada comentário, cada gesto de apoio ou comparação, foi produzindo em mim uma narrativa (muitas vezes distorcida, outras vezes potente) sobre quem eu podia ser. E se a escola é um dos primeiros lugares onde o “eu” aprende a se ver a partir das conexões que estabelece, então pensar a educação é também pensar responsabilidade, vínculo e o modo como nos relacionamos com o outro e suas singularidades.

Figura 18 — “Somos formados por um complexo de subjetividades” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

É nesse ponto que a reflexão se encontra com o cuidado como prática coletiva de amor: cuidar é criar condições para que cada pessoa possa existir com menos medo e mais possibilidade, é sustentar o espaço do encontro, da escuta, é cultivar modos de *estar-com* que não reforcem hierarquias e valorize alteridades. O cuidado se torna possível em todos os lugares, inclusive naqueles que parecem pequenos, mas que carregam uma grande força de transformar realidades. Na minha experiência com o Projeto Tampatas, compreendi a potência de pequenos gestos de cuidado e transformação, onde, ao reciclar tampinhas plásticas para castrar e cuidar de animais de rua e abandonados, tocamos uma ferida social maior: o que é descartado, maltratado ou esquecido, reflete o modo como lidamos com aquilo que não compreendemos, que acreditamos estar distante de nós ou que julgamos diferente. Acolher e

cuidar do outro, seja um bicho, uma pessoa, um pedaço do mundo, é também cuidar de nós mesmos. Esse projeto, idealizado por minha mãe, Regina Célia, acompanhou nossa vida por 6 anos. Ele surgiu como uma forma de arrecadar fundos para ajudar animais abandonados, algo que ela já fazia anteriormente por conta própria. Com a preocupação e desejo de ajudar uma quantidade maior de animais, minha mãe desenvolveu a ideia de uma organização social que arrecadou tampas plásticas, com a colaboração da população, para vender para a reciclagem e com isso, castrar os animais de rua e abandonados, pois ela acredita ser a melhor forma de dar dignidade e diminuir a superpopulação animal em vulnerabilidade. O resultado desse movimento foi lindo e inspirador: o projeto se espalhou pela cidade, recebendo apoio de mais de 200 pontos de coleta, onde as pessoas deixavam as tampinhas que juntavam em casa; atuou em escolas municipais, estaduais e particulares, com palestras, gincanas; fez parcerias com outros projetos sociais, sempre levando a importância da castração e da reciclagem e evidenciando os impactos que o lixo estava causando no mundo.

Figura 19 — Minha mãe, um filhote resgatado e muitas tampinhas arrecadadas (2020).

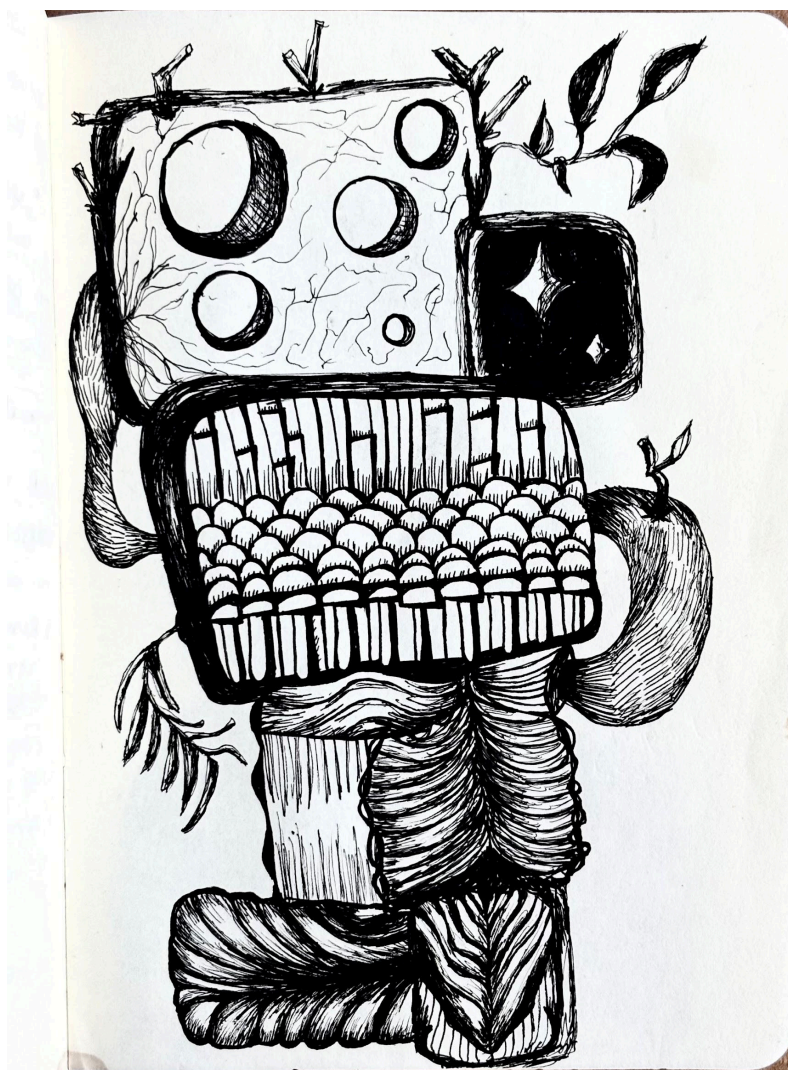


Fonte: Autoria própria (2020).

Ao todo, em 6 anos, foram reciclados mais de 123 toneladas de plástico, mais de 1400 animais foram beneficiados e diversas ações educativas foram feitas, mas o que mais me atravessou em tudo isso, foi o movimento da população em prol a um projeto idealizado por

uma pessoa sensível, cuidadosa e que não conseguia mais olhar pra situação dos animais da cidade e do mundo, e não fazer nada. O movimento que minha mãe iniciou se espalhou, inspirou, transformou olhares e conectou milhares pessoas, possibilitando que pudessem cuidar e ajudar cães, gatos e o mundo, sem que tivessem que sair de casa ou abdicar das suas responsabilidades. A potência de pessoas unidas em prol a algo que acreditam coletivamente é incrível e, vivenciar essa experiência, me fez perceber a força que a conexão entre seres pode ter, e aonde podemos chegar com simples ações. Essa vivência pessoal e meu percurso na formativo fizeram crescer em mim a compreensão de que práticas pedagógicas também podem (e devem) assumir esse papel de cuidado e transformação. Assim como reciclávamos tampinhas e cuidávamos de animais rejeitados, podemos, na sala de aula, reciclar olhares, reconfigurar relações e abrir espaço para aquilo que a norma tende a excluir ou silenciar.

Figura 20 — “Reciclar o mundo” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 21 — “Te encontro no caminho” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

### 3 Fazer-com (amor)

Quando proponho a construção de um pensamento pedagógico ético-amoroso, proponho reconhecer que o ensino é sempre uma prática relacional, que envolve encontros, escuta e presença. E, buscando conectar as ideias de bell hooks (2021), Donna J. Haraway (2023) e Paulo Freire (2019), percebo que todos eles, cada um à sua maneira, defendem processos que só acontecem quando há diálogo, conexão, cuidado e abertura ao outro. Essa aproximação que percebo entre esses autores, começa pelo entendimento de que para uma relação ética existir, é preciso resistir a uma lógica de dominação. Para hooks, o amor é uma força ativa que se opõe às formas de opressão. No seu livro, a autora reflete sobre obras dos autores Fromm, King e Merton que trazem ensinamentos sobre amor, dizendo que nelas

[...] há sempre uma ênfase no amor como uma força ativa que deveria nos levar a uma comunhão mais ampla com o mundo. Seus textos apontam que a prática amorosa não está direcionada a simplesmente dar ao indivíduo maior satisfação na vida; ela é exaltada como a maneira básica de pôr fim à dominação e à opressão.” (hooks, 2021, p. 114)

Ou seja, amar, no sentido ético e político que ela propõe, não é sentir, mas agir para transformar. Amar exige responsabilidade e recusa a violência da dominação. Paulo Freire, se declara um professor “a favor da liberdade contra o autoritarismo” (Freire, 2024, p.101). Um ambiente educativo sustentado pela punição, pelo medo e obediência não pode ser espaço de formação humana, apenas de adestramento. bell hooks reforça que “O medo é a força primária que mantém as estruturas de dominação” (2021, p. 129), e Freire afirma

[...] tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação. (2024, p. 74)

Assim, nos lembrando que sentir uma raiva “justa” diante de injustiças, é um modo ético de afirmar que a história não está dada, que ainda é possível transformar a realidade.

Haraway acrescenta uma nova camada a essa reflexão, quando afirma ser

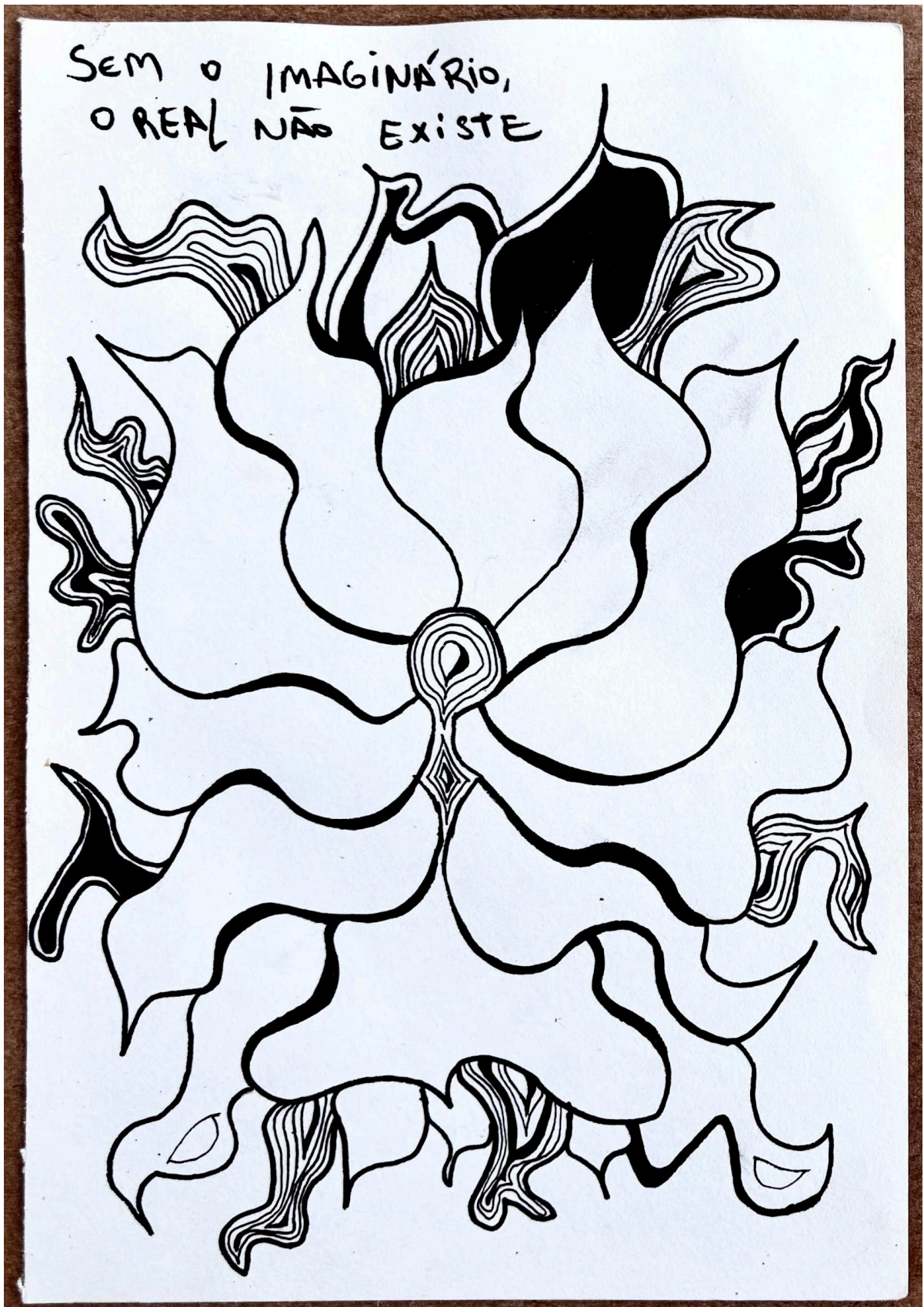
[...] tentador abordar os problemas como quem procura assegurar um futuro imaginado, impedindo que algo que paira no futuro aconteça, colocando o presente e o passado em ordem, a fim de criar futuros para as próximas gerações. Ficar com o problema não requer esse tipo de relação com esses tempos que chamam de futuro. Na realidade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente [...]” (Haraway, 2023, p. 9)

Entendo o “estar presente” justamente como não desviar o olhar, olhar atento. A autora nos convida a cultivar essa presença com os outros, a fazer parentes (humanos, mas-que-humanos), porque só assim podemos compreender a complexidade das relações que

nos atravessam. O professor que cultiva, e escolhe ter, um olhar atento, não observa para controlar, mas para se conectar e responder com sensibilidade ao que acontece dentro e fora da sala. Freire descreve algo muito próximo quando afirma que “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”” (Freire, 2024, p. 95). Ler a sala de aula é uma forma de cuidar, de perceber silêncios, tensões, curiosidades, medos, gestos. É escutar com o corpo inteiro. É perceber os movimentos e sentimentos que rodeiam a sala. hooks reforça isso, afirmando que para amar é preciso combinar “cuidado, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança” (hooks, 2021, p. 47). São elementos inseparáveis do olhar atento: olhar que reconhece, que valida, que convoca presença, que cuida sem dominar.

Se hooks e Freire se encontram nesse lugar de cuidado, Haraway amplia essa reflexão defendendo que nada existe isoladamente. Ela diz que o mundo é composto por processos simpoiéticos, e que “nada se faz por si só; nada é realmente autopoietico” (Haraway, 2023, p. 14). Isso significa que tudo é tecido no encontro, não apenas entre nós humanos, mas entre todos os seres que coabitam o mundo. Para ela, viver é sempre devir-com, “devir-com reciprocamente, ou não devir em absoluto” (2023, p. 14), ou seja, somos formados a partir da conexão com o outro, o contrário não é possível. Esse conceito, consegue iluminar a prática pedagógica como sendo um lugar em que não há aprendizagem de modo isolado. Professora e estudantes, se constroem juntos, em um processo contínuo, coletivo, atravessado por erros, tentativas, afetos e alteridades. É por isso que Freire fala da importância da curiosidade ativa, que “convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar” (2024, p. 85). Curiosidade aqui, não é uma característica individual que uma pessoa pode ter muito ou pouco sobre a vida, mas uma disposição para se deixar atravessar pelo o encontro com o outro (ideias, pessoas, seres mais-que-humanos, perguntas, aquilo que não compreendemos), cultivando uma imaginação do que pode ser possível, do que pode ser sonhado.

Figura 22 — “Portal do real” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

As três perspectivas que trouxe, conectadas, me guiam para uma prática pedagógica que exige que educadores não se coloquem acima, mas junto; que não fale para, mas fale com; que não faça sobre, mas faça com; que reconheça no processo educativo uma dança compartilhada. Relaciono o “falar com” (Freire, 2024, p. 111) e “fazer-com” (Haraway, 2023, p. 119) para entender que não existe diálogo verdadeiro sem ação compartilhada. E não existe ação compartilhada sem diálogo, sem escuta, sem sensibilidade. A ética amorosa que hooks descreve, também exige esse movimento conjunto: amar é uma escolha feita no encontro, nunca no isolamento. Por isso, quando ela traz o sentido da palavra “perfeito”, ela diz ter encontrado uma definição que “ênfatiza o desejo de ‘refinar’” (hooks, 2021, p. 128). Esse “refinar” tira a ideia de que perfeição é um estado ausente de falhas, e nos coloca diante um movimento contínuo, um processo em que vamos sendo alterados pelo outro, pela relação, pelo tempo, pelas escolhas que tomamos. Amar, ensinar e aprender tornam-se, assim, práticas que se refinam na convivência, no fazer-com. Quando aproximo esses três autores, percebo a possibilidade de um ensino que se tece na conexão, que exige presença, olhar atento, curiosidade, escuta e cuidado. Que se recusa a domesticar, seja o traço, o corpo, o pensamento, o erro, as existências. Que acolhe o imprevisto, o outro que surge, seja no papel, nos caminhos da vida, ou na sala de aula. Que aprende com os seres mais-que-humanos a conviver com aquilo que não controlamos: o besouro que entra em casa seguindo a luz da sala, o galo que canta no meio da madrugada, o traço que escapa, o fluxo próprio de cada estudante. Que cultive o olhar atento e a capacidade de “estar verdadeiramente presente” (2023, p. 9), de entender o momento de falar e de escutar, e de entender, com Freire, que “ninguém é superior a ninguém” (2024, p. 118) e, com hooks, que “a escolha por amar é uma escolha por conectar — por nos encontrarmos no outro” (2021, p. 129). Um pensamento pedagógico ético-amoroso é, portanto, um pensamento que se “faz-com” o mundo e com o outro, que “fala-com” para construir sentidos, que se refina no processo e entende a educação como encontro, cuidado, acolhimento e transformação.

### 3.1 Maleta-Constelação

*É no traço imperfeito, no erro acolhido, na escuta após a rachadura, que se pode fazer o cuidado mais bonito:*

*Um cuidado com o outro, com o que foge, com o que não se encaixa, com o que difere de mim, com o que não entendo. Comigo mesma, refletida em tudo que encaro.*

*O desenho não é sobre ser bonito, é sobre ser encontro, ser espaço de se escutar, de se perder e encontrar, de se perdoar e aceitar.*

*E o encontro, assim como a vida, é sempre múltiplo e imprevisível.*

A *Maleta-Constelação* é onde minha a/r/tografia se materializa, ganha corpo, onde a pesquisadora, artista e professora se encontram, onde o pensamento ético-amoroso ganha forma. A maleta traz acolhimento, memória, cuidado. A maleta é arquivo, é mapa, é teia, é metáfora da vida tentacular feita de redes, conexões, subjetividades, alteridades. Os desenhos e os momentos vividos apresentados neste trabalho, fazem parte das estrelas que brilham me mostrando todos os caminhos que já percorri. Os traços formam as conexões, os caminhos.

Figura 23 — “Sem título” (2025).



Fonte: Fotografia com autoria de Ana Fernandes, dirigida por mim para este trabalho (2025).

Figura 23 — “Orgânico” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025).

A *Maleta-Constelação*, possui desenhos de vários momentos do meu percurso de vida. De quando eu era criança, traçando com o instinto, desenhando como um bicho. Um momento onde o medo de não ser suficiente, ou de não agradar os outros, ainda não apagavam os caminhos de coragem para traçar, arriscar e experimentar a vida. De quando os desenhos eram tímidos e silenciosos, e ilustravam ideias e sentimentos que brotavam dentro de mim na adolescência. De quando comecei a me arriscar, a me conectar com outras versões do meu eu, a explorar o que de fato fazia sentido para mim, no primeiro ano de pandemia, quando voltei a experimentar e a me sujar de tinta. De quando tive o primeiro contato com estudos de

desenho, vivência fundamental para me fazer ter confiança no percurso, porém regada de autocobrança e autocrítica, vindas da comparação excessiva e do medo. De quando começava a dar os primeiros passos na FAV, a me conectar com pessoas com interesses e afinidades em comum, a conversar sobre processos artísticos, a entender os caminhos que eu poderia seguir. E do trajeto traçado e rabiscado que vivi durante essas escritas. Todos os desenhos que fiz durante essa pesquisa, deram força e foram base para cada passo do percurso. Eles me guiaram, me ensinaram a parar e olhar, porque para entender precisa ficar olhando. Foi nesse gesto de pausa que comecei a perceber o que gritava dentro de mim, aquilo que não se deixava controlar. Quando parei e fiquei olhando, pude experimentar ser e fazer aquilo que o medo não deixava, e que a busca obsessiva pela perfeição havia tornado turvo e confuso: o prazer de atravessar todas as etapas, de ver a calma dançando com o tempo. bell hooks reflete sobre a ideia de perfeição em seu livro, e ler sobre isso mudou completamente a perspectiva que eu enxergo essa palavra.. Ela diz que por um tempo, pensou

[...] na palavra "perfeito" apenas no sentido de ausência de falhas ou defeitos. Ensinada a acreditar que essa compreensão do que significa ser perfeito sempre esteve fora do alcance humano, que nós éramos essencialmente humanos porque não éramos perfeitos, mas sempre estivemos ligados ao mistério do corpo, de nossas limitações, essa convocação para conhecer um amor perfeito sempre me perturbou. Parecia um chamado importante, mas impossível. Isto é, até eu procurar uma compreensão mais profunda, mais complexa da palavra "perfeito", e encontrar uma definição que enfatizava o desejo de "refinar". (hooks, 2021, p. 128-129)

Enfim, percebo que carrego comigo todas essas versões, todos outros que já fui, que já habitaram aqui. Os desenhos feitos nesse período que vivo, escrevo e crio este trabalho, falam, através de traços, hachuras, padrões, gestos e rosnados, sobre cada momento que vivi essa pesquisa. Cada um deles passou por um processo de refinamento. Eu parava, eu olhava, eu fazia; passava um tempo, e eu refinava; passava outro tempo, eu refinava... Não para corrigir, mas para escutar e ver melhor. Hoje, esses desenhos coabitam na minha maleta vermelha, nutrindo, acolhendo e cuidando de todas as versões que já fui, de todos os outros que já fui, permitindo que existam em suas alteridades.

Figura 24 — QR CODE com link para explorar a Maleta-Constelação (2025).



Fonte: Canal Losy Pinheiro (youtube).

## ENTRE O INACABADO E O POSSÍVEL

*Me lembro quase sempre que sou bicho singular,  
que meu traço acompanha o que está dentro de mim.  
Não preciso seguir o que me dizem que devo seguir, nem ser o que dizem que preciso ser.  
Acolher o erro, a diferença.  
Aprender a exaltar e celebrar a diferença entre meus eus, você e todos nós,  
como um organismo vivo,  
onde cada um tem seu espaço para ser e viver aquilo que se é,  
de maneira única.*

Chegar ao final deste trabalho não significa encerrar um trajeto, mas reconhecer um ponto de parada para olhar o caminho percorrido, respirar e perceber tudo que foi transformado em mim ao longo desse percurso. O pensamento pedagógico amoroso que atravessa este trabalho não chegou em um ponto definitivo, nem nasceu de como uma resposta pronta, mas como prática construída no gesto, no encontro e no cuidado.

Ao longo desse percurso, o amor deixou de ser para mim uma ideia abstrata que sustenta um sentimento difícil de nomear e passou a se sustentar como ação cotidiana, como escolha consciente. Com bell hooks, aprendi que amar é um ato de vontade, uma decisão de se empenhar no próprio crescimento e no crescimento do outro, assumindo responsabilidade pelas consequências de nossas ações. Então, pensar a educação a partir de uma ética amorosa fez deslocar o meu olhar do controle para o cuidado, do resultado para o processo, da técnica para a relação que se constrói no fazer-com. Conhecer um pouco das escritas de Donna J. Haraway, me ajudou a ampliar minha reflexão no campo das relações, tirando o humano do centro e me convidando a perceber que ensino, desenho e formação acontecem em um mundo mais-que-humano, em uma teia de múltiplas presenças, ritmos, encontros e inteligências.

Pensar o traço como gesto vivo, atravessado pelo corpo, pelo ambiente ao nosso redor, pelo outro, passei a entender que educar também é aprender a conviver com aquilo que não se controla, com o erro, com o acaso e com a diferença (como quem aprende com os bicho, com as plantas, com o céu, com o tempo, com o mais-que-humano). Com Larrosa, percorri um caminho que me mostrou a experiência sendo aquilo que nos acontece e nos transforma, que a escola não é um espaço neutro, mas que produz modos de ser, de se narrar, de ver e perceber o mundo. Paulo Freire reforçou a importância do diálogo, da curiosidade e da responsabilidade ética na educação, me fazendo entender o espaço pedagógico como um texto a ser lido, escrito e reescrito coletivamente. Esses diálogos teóricos foram como companhias de percurso, vozes que caminharam comigo enquanto eu desenhava, vivenciava, escrevia, apagava, recomeçava.

A a/r/tografia permitiu que esse processo de pesquisa não se separasse da vida. Artista, professora e pesquisadora se misturaram no gesto de investigar e a *Maleta-Constelação* materializou a síntese desse caminho: uma teia viva de traços, memórias, acolhimento e outros que já fui, que desenham como estrelas em uma constelação. Ao revisitar os desenhos de outros tempos da minha vida, percebi que só foi possível perceber o que gritava dentro de mim quando encarei a pressa que me assombrava, abandonei o impulso da obsessão pela perfeição e me permiti habitar e aproveitar o tempo do processo. O desenho me ensina que cuidar é não apressar, não corrigir tudo, não silenciar o que escapa, é acolher e agir pela liberdade. Então, o pensamento pedagógico ético-amoroso se enraíza em modos de educar que não domesticam, mas que acompanham. É criar condições para que cada estudante possa existir com menos medo, e com muitas possibilidades nos caminhos. É reconhecer que simples gestos como um olhar atento, uma escuta cuidadosa podem produzir segurança e transformações intensas. Amor aqui não aparece como sentimento genuíno, mas como compromisso ético com as alteridades, com a liberdade e com a vida em suas múltiplas formas.

Ao pensar daqui para frente, percebo que este trabalho não se encerra em si mesmo, mas segue em movimento, como um percurso que continua sendo traçado no mundo. Imagino que esse percurso possa seguir no aprofundamento do pensamento pedagógico ético-amoroso como resposta à crise do cuidado que atravessa nossos modos de viver, de ensinar, de aprender e de conviver. Um caminho que talvez me leve a investigar, com mais aprofundamento, práticas de cuidado, atenção e escuta em diferentes contextos educativos. Penso que esse caminho poderia se expandir em diálogo com as autores e autores que me acompanharam nessa estrada, e com outros, para seguir pensando a partir de experiências humanas e mais-que-humanas. Talvez esse percurso continue em uma pós-graduação, talvez em práticas docentes, talvez em espaços de formação ou na reflexão sobre gestão escolar. Ainda não sei. E aceitar não saber também faz parte da ética amorosa que nutre esse trabalho. Ao mesmo tempo, este texto não diz apenas sobre mim e meus caminhos. Ele abre como convite a quem ensina, especialmente professores e professoras de artes, mas também a todos educadores, para que possam refletir e se perguntar: que gestos de cuidado cabem na minha prática? Que espaço de escuta podem ser criados no cotidiano escolar? O que acontece quando passamos a olhar com mais atenção? Talvez, se guiar a partir dessas perguntas, seja possível experimentar outras formas de conduzir o trabalho pedagógico, acolhendo o erro como parte do processo, compreendendo o desenho (e outras linguagens) como espaço de

encontro, de escuta e de experiência. Não como um método fechado, mas como tentativas, gestos que se arriscam e se constroem no fazer, ouvir, olhar atento.

Entre o inacabado e o possível, desejo que este trabalho funcione como um espaço de respiro, onde cada leitor possa encontrar possibilidades para pensar e fazer de diferentes formas, de estar presente, de pensar o amor como ação, porque talvez educar, desenhar e cuidar sejam, no fundo, modos de aprender a viver juntos (humanos e mais-que-humanos) com mais atenção, responsabilidade e mais amor. E porque, para continuar entendendo, ainda será preciso ficar olhando.

Figura 25 — “Mundo mais-que-humano” (2025).



Fonte: Autoria própria (2025)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, David. **The Spell of the Sensuous: Perception and Language in a More-Than-Human World.** New York: Vintage Books, 1996.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia.** 2. ed. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2023.

FILLOUX, Jean-Claude. Émile Durkheim. Tradução de Celso do Prado Ferraz de Carvalho e Miguel Henrique Russo. **Recife:** Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2024.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Conferência apresentada no I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Tradução de João Wanderley Geraldi. Publicado em *Leituras SME: textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC*, Campinas, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação.** In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação.* Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LOS Y PINHEIRO. **Maleta-Constelação.** *Youtube*, 16 de dezembro de 2025. Disponível em: <https://youtu.be/FauJEInDrSI>. Acesso em: 16/dez de 2025.